

É SOBRE NÓS EDITORA

# *Natanoel*

**COLECTÂNEA DE CONTOS NATALINOS**



©ésobrenós, 2023  
Natanoel - Colectânea de Contos Natalinos  
**Organização e selecção:** Lucas Cassule

Contactos para palestra, seminário e workshop  
E-mail: geral@esobreler.ao  
Instagram: @esobrenoseditora\_oficial

**Edição e paginação**  
Lucas Cassule

**Design de capa**  
Lucas Cassule

**Execução Gráfica**  
É Sobre Nós Editora

**Imagens**  
Pixabay

**Revisão**  
Dias Neto | Sukiankasa Nsambu | Alzira Simões

**Marketing e publicidade**  
Alusapo

**Conselho Editorial**  
Dito Benedito | Alzira Simões | Sukiankasa Nsambu

ISBN: 978-989-9133-24-2  
1.ª edição digital: Dezembro de 2023

---

É SOBRE NÓS EDITORA  
Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito da Editora.



*Escreve, se puderes, coisas que sejam tão improváveis como um sonho, tão absurdas como a lua-de-mel de um gafanhoto e tão verdadeiras como o simples coração de uma criança.*

**Ernest Hemingwai**

A ideia de organizar esta colecção surgiu-me de relâmpago e fi-lo tal como a minha intuição recomendou. Deu-se primazia aos escritores internos (com livros já publicados pela ésobrenós), mas foram convidados outros poucos, que mantêm uma relação de proximidade com a editora e cuja qualidade da escrita é reconhecida por muitos.

Espero que se divirtam e celebrem o Natal de acordo ao que cada um de vós acredita.

Boas Festas!

**Lucas Cassule**

Escritor, editor e docente universitário



## ÍNDICE

AC LUKAMBA-----	7
<i>Noel</i>	
ALUSAPO-----	13
<i>Granizos da paixão</i>	
ALZIRA SIMÕES -----	20
<i>A felicidade natalícia</i>	
AP KITUXI -----	22
<i>Um natal atordoador</i>	
CREMILDA DE LIMA -----	28
<i>Truz... Truz... Truz... é Natal</i>	
LUCAS CASSULE -----	34
<i>Um Natal de reis</i>	
NADAVY -----	41
<i>A valiosa tradição</i>	
REINIRA28-----	45
<i>Tininha e a ceia de Natal</i>	
TAYTA LEMOS-----	54
<i>Natal no Kalumbiro - Bacalhau vs Peixe Seco</i>	
VICTOR RICARDO -----	64
<i>O Natal em Nós!</i>	
ZOLA MIGUEL -----	68
<i>O ingrato Natal</i>	

## **AC LUKAMBA**

Nasceu em Viana, Luanda. Leitor ávido de ficção fantástica e amante de finais felizes. É Vencedor do Livrolândia Awards (2022) e da A Era da Literatura Fantástica (2022). Publicou Histórias Fantásticas de Uma Terra Longínqua (Kamba Editora; 2022). Contactos: e-mail: [aclukamba2002@gmail.com](mailto:aclukamba2002@gmail.com), facebook: @AC\_Lukamba, whatsapp: 937296514

## NOEL

AC LUKAMBA

Eu lembro-me de quando esta data era vista como uma época especial para celebrarmos o nascimento de uma figura que representava o altruísmo puro e verdadeiro. Uma data para cuidarmos uns dos outros, mostrar o nosso apreço e consideração, buscar versões melhores de nós mesmos e até receber presentes por essa tentativa. Era uma coisa boa, mas o que veio depois que a religião caiu... no momento em que passámos a ver os presentes materiais como o foco principal, a desejá-los como os anestésiantes que amenizam a dor que o buraco profundo que é a verdade universal de que nossa existência é apenas um acidente, gerou algo de novo. Algo assustadoramente novo. Faltam só algumas horas para este dia, não sei o que vai acontecer, mas torço para que sobrevivamos, o último foi difícil demais e não sei o que eu faria se...

— Pai? — A voz desfez seu foco. Akil soltou a caneta e virou-se para ele.

Estava recostado na ombreira da porta. O rosto iluminado pela luz fraca dos candeeiros parecia acentuar o desespero.

— Estamos prontos.

Akil ergueu-se da cadeira e aproximou-se do filho, é só alguns palmos mais alto que o menino e sentiu um alívio ao perceber que, por mal ou por bem, ele havia criado aquele menino naquela bagunça toda, havia criado bem, aliás, protegido e seguro do novo mundo, nada mais o deixava orgulhoso se não ver os fios hirsutos crescendo dispersos acima dos lábios e do queixo. De ver a inocência imaculada naqueles olhos negros como a própria pele, ele abraçou-o com força.

— Nós vamos conseguir. — disse. Mas a palavra nada era mais do que um simples engodo. Era seu dever, como pai, proporcionar tal alívio, embora o próprio tom de voz o traísse. — Vamos ver os seus irmãos. — Acrescentou.

Andaram pelo corredor escuro. Na sala, Akil olhou rapidamente pela janela, prometendo desviar logo o olhar, viu as luzes fortes lá fora cintilando em todas as cores e sombras correndo dispersas velozmente.



— Pai. — O filho puxou-o desviando a sua atenção.

Primeiro houve uma explosão de raiva que lhe preencheu os músculos, como ele se atrevia a privá-lo de tal satisfação frívola que a rua parecia querer proporcionar-lhe. Era um sentimento tão profundo e intenso que ele se apercebeu comprimindo os punhos.

— Sem olhar, lembra? — Falou e correu para cobrir melhor a janela. A raiva se esvaía à medida que Akil focava no filho. Estavam seguros desde que não ligassem luz alguma ou se permitissem ser persuadidos pelo que tinham lá fora.

— Eu que deveria ser o incorruptível, não?

— O senhor já é. Mas já fez tanto também, com certeza isso desgasta a pessoa.

— Eu realmente espero que você não esteja insinuando que estou velho, menino.

— Se a carapuça serviu.

Os dois riram e continuaram a caminhar até ao quarto dos fundos. Bateram à porta. Um toque secreto que apenas os dois seriam capazes de acertar. Era necessário prezar pela segurança mesmo dentro de casa, o mal poderia se extraviar para dentro a qualquer momento, bastava um simples descuido. Akil não sabia se funcionaria realmente, na última vez em que foram atacados perdera demais para arriscar, mas gostava de acreditar que essas medidas seriam suficientes para os proteger.

A porta foi aberta e duas crianças estavam em pé, vestindo pijamas coloridos e encarando assustadas o pai. O menino afagava a irmã que segurava um peluche todo remendado. O único brinquedo que teria a vida toda. Akil puxou-os para si e os abraçou.

— Vai ficar tudo bem. Estão prontos?

— Sim. — responderam.

— Então vamos dormir para que isso acabe logo.

Akil colocou as crianças para dormirem e, logo depois, sentou-se numa cadeira à mesa. Destrancou uma gaveta e tirou dela uma arma e colocou-a sobre a mesa. Pensou em escrever, mas lembrou-se de que havia deixado o diário no outro quarto. Com certeza essa seria uma noite daquelas, pensou. Bebeu um copo de água da enorme jarra que estava quase vazia. Olhou para o relógio, faltava meia hora para aquela madrugada começar. Pensou na mulher, na falta que sentia dela, tentou lembrar-se de como

era antes de tudo isso, mas o que lhe invadia a mente era a memória dela segurando aquele maldito presente. E naquele olhar desesperado para entregar o que lhe foi pedido em troca. Akil lembrava-se da vibração que sentiu quando disparou a arma, e no alívio que pensou ter enxergado nos olhos de Bela. O pensamento estendeu-se como o escuro pelo vazio, tornando-se um e recaindo sobre si ainda mais denso. Sonhou com aquela noite.

\*\*\*

Mexeu-se na cadeira e despertou. Parecia que uma eternidade havia passado. Olhou rápido para a cama do filho mais velho, depois para os beliches das outras duas crianças. Encarou o relógio que marcava três horas da noite. Estava prestes a acabar. Relaxou o corpo e soltou um enorme suspiro. Ergueu o olhar e viu a porta do quarto entreaberta. O sangue subiu-lhe rapidamente à cabeça. Levantou-se com um susto. Olhou ao redor mais atentamente enquanto o corpo ameaçava desligar-se, no chão, o bacio estava aberto e cheio até à borda. Na cabeceira, uma das velas havia sumido. Encarou a cama dos filhos, a filha Lina dormia tranquilamente no beliche de cima, e Ernesto estava... sumido. Não, menino! Ele deu um passo em direção ao beliche e apalpou a cama esperando achar o menino enrolado nos lençóis. Ainda estavam quentes.

Acordou o filho mais velho. Os ouvidos pareciam prestes a explodir de dor.

— Ernesto saiu do quarto. — Balbuciu enquanto tremia ao segurar a arma. — Merda!

— Vamos buscá-lo...

— Não. É mais seguro se você ficar aqui com Lina. Feche a porta e espere eu bater, só espere.

— Pai...

— Eu sei. — Ele disse já sabendo o que seria dito. E ele estava certo, infelizmente, ninguém mais suportaria a perda de outro membro da família. Ainda mais se Akil tivesse que fazer o mesmo que fizera à mulher. Se tivesse que fazer isso com o próprio filho o que havia sobrado de si, o pedaço são, ou seja, o que for que o mantinha de pé, se perderia para sempre. Não haveria mais volta.

— Eu... eu... — Mas não havia como expressar verbalmente aquele medo borbulhando em seu estômago. Então saiu e fechou a porta atrás de si.

No corredor escuro, Akil viu a luz da vela vindo do banheiro, felizmente o filho não havia ligado nenhuma luz elétrica. Aumentou os passos e aproveitou dar uma olhada rápida na porta. Estava trancada. Ótimo, depois encarou a janela, viu o vidro difuso, mas o trinco estava no lugar, apenas precisaria chegar ao quarto, pegar o filho e voltar. O suor escorria pelo corpo trémulo. Só mais dois passos.

— Feliz natal. — Uma voz abafada soou. Pueril demais para ser do filho. Animalesca demais para ser humana. Akil sentiu os músculos enrijecerem.

— Estou aqui, na janela.

Não, parte de si lhe alertava. Mas o desespero de compreender o que era aquilo tomou o seu corpo inibindo qualquer instinto de preservação. E Akil olhou, mesmo sabendo que essa seria a sua sentença, virou o rosto e tentou descobrir que tipo de voz era aquela. Sentiu no âmago a necessidade de responder.

— Oi, Akil. Lembra-se de mim? — Indagou. A figura era algo minúscula, do tamanho de um cachorrinho. Olhou para ele com um sorriso que começava de uma têmpora e terminava na outra. Os dentes afiados combinavam com o topo da cabeça pontiaguda que parecia terminar num tufo redondo de tecido. Ele movimentava-se no gradeamento como uma aranha confusa. — Olhe só o presente que o Pai Natal nos mandou trazer para ti.

Nas luzes brilhantes de fora, Akil viu uma figura a aproximar-se. O cabelo solto num afro com tranças enraizadas na lateral direita. Estava vestida de um branco lustroso que iluminava o seu rosto e tinha um laço verde enorme enrolado na cintura.

— Suzeth? — suspirou.

— Oi, meu amor. Faz tanto tempo, né?

Não. Não podia ser. Até a voz era a dela. Mas como? Como algo assim poderia estar a acontecer.

— Eu enterrei você. — Grunhiu de raiva — Na porra do quintal.

— Sempre com a imaginação fértil. Aquilo foi um sonho, seu bobo.

As sombras haviam aumentado, amontoavam-se como se a própria escuridão se estivesse agregando, mais cabeças pontiagudas e mais vozes animalescas surgiram.

— Como? — Nem o lugar onde ele havia disparado se via mais em seu rosto belo.

— O Milagre de Natal. — Disse a criatura. — Nós o trouxemos para si, Tudo o que precisa fazer é aceitar o presente, ligar a luz e nos dar alguém em troca. Simples.

— Escolha o Ernesto, é pequenininho, do jeito que Noel gosta. — Sua mulher disse e riu. E Akil riu junto. Ela sempre conseguia tirar um sorriso dele. Era ela, sim, claro. Ele estava enganado sobre o Natal. Aquilo era uma bênção.

— Não acredito que você está aqui, amor... — Ele aproximou-se. — Eu realmente não sei se consigo sem você.

— Papai. — Ouviu a voz empapada de sono de Ernesto atrás de si. Akil desviou o olhar da janela e viu que estava próximo demais dela, a mão desarmada erguida prestes a abrir o trinco.

— Oi, filho. Faz um favor para mim. Ligue a lâmpada. — Ele pediu. Claro que precisava de luz para ver melhor. O problema é que aquilo não tinha sido dito por ele. Embora a voz fosse estritamente a sua, não havia saído da sua boca. Ele tentou gritar não, dessa vez, com a própria voz, mas a criança tocou o interruptor e a sala se iluminou de luz amarela cegante. Houve risos lá fora e, quando os olhos de Akil se adaptaram à luz, alguém estava dentro de casa. Um corpo enorme delineado no canto. A barba espessa grisalha manchada de vermelho sangue desaguava sobre a barriga enorme. O sangue respingado no seu corpo fazia parecer que a roupa era vermelha.

Akil engasgou-se como ar e achou que isso o fosse matar. Tudo parecia vibrante. Sentiu-se exaurido e sonolento. Ergueu a arma e gritou para o filho correr. O homem grande no canto sorriu e deixou o saco grande que carregava cair. Caminhou na sua direção, os passos soavam como sinos pequenos.

— Ho ho ho ho — Cantarolou e Akil sentiu algo quente explodir em seus ouvidos. — Papai Noel chegou.

12/2023

## **ALUSAPO**

Pseudónimo de Etna Virgínia Jorge Equissi, nasceu na província do Huambo, aos 20 de Outubro de 1997. É formada em Engenharia Informática pelo Instituto Superior Técnico Militar (ISTM), escritora e influenciadora literária. Amante de letras desde tenra idade, criou em 2018, por incentivo de amigos e familiares a marca literária Alusapo, com o objectivo de inspirar, motivar e cultivar o hábito de leitura, tendo adoptado o mesmo nome como seu pseudónimo literário. A autora escreve prosa e poesia e estreou-se com a sua participação na antologia poética “Memórias com sabor a Luanda”. É escritora, Directora de Marketing da É SOBRE NÓS EDITORA e do portal É Sobre Ler, parceira da livraria Virtual e embaixadora da Daisy Arte. Autora do livro “Veludo Negro - Obsessão Venenosa” e co-autora do livro “Pelo Poder Popular”. Foi considerada, pelo Clube de Autores, como uma das cem personalidades literárias mais influentes da lusofonia no ano de 2023.

## **GRANIZOS DA PAIXÃO**

*ALUSAPO*

Maura era a única filha de dona Maurícia, o esposo, Mauro Custódio, é Comissário da Polícia Nacional, que se deixara seduzir pelas garras de uma mulher mais nova e prendido com o golpe da barriga. Essa mulher dera à luz um rapaz e, oito meses depois, engravidara do segundo filho, os sonhados rapazes. Mauro comprou para ela um apartamento na Centralidade do Bukula, enquanto a mulher e a filha foram deixadas à mercê de um apartamento de aluguer na Urbanização de Capari.

— Então, amor, tens a certeza que é tudo o que precisas? — Perguntou Armindo no momento em que colocava o saco de pão no carrinho de compras.

— Maior parte das coisas já foram compradas o mês passado, te lembras?

— Já me havia esquecido, mas sabes que se faltar alguma coisa é só dizeres que venho comprar logo ou, se não tiver como, carrego o teu cartão e vens pegar.

— Muito obrigado, amor. A propósito, como ficou a nossa viagem para Benguela?

— Depois direi alguma coisa, o banco tem apertado imenso, sabes que na Quadra Festiva precisamos trabalhar a triplicar, pois é uma das fases em que os clientes mais querem dinheiro e solicitam créditos, cartões visa — falou enquanto encostava as compras em direcção ao caixa.

— Eu entendo, amor, mas sabes que não podemos ficar sempre aqui, quero muito que dessa vez seja diferente e que tenhamos o nosso momento em um local longe de tudo e de todos, merecemos isso, até porque são dois anos de namoro.

— Sei disso, minha linda, mas precisas compreender que as coisas não funcionam assim, preciso fazer tudo com cuidado de modos a não ter problemas com a Helena. — Completou ao passo que colocava os sacos de compras no carrinho e dirigiam-se até ao carro.

— Eu sei, mas precisas também entender o meu lado. Nada faço para prejudicar o teu relacionamento com a tua esposa, apenas quero também a minha parte de amor e carinho, bem sabes

os esforços que tenho feito para que essa relação dê certo, abandonei o meu ex para ficar contigo e tenho sido fiel, não achas que deverias no mínimo fazer um esforço para ficar mais tempo comigo?

— Maura! Entende algo: sou casado e a Helena é muito controladora. Achas que quero criar problemas na nossa relação porque tu queres ter mais tempo comigo? Não me faças rir por favor, és minha namorada e não minha mulher. Se continuares a reclamar do pouco tempo que te dou, ficarei sem dar-te esse tal “bocado” que já tenho dado e irei embora, porque eu não vou e nem ousaria estragar o meu casamento por causa de uma mulher que não sabe compreender o seu lugar em minha vida e quer ter direitos que a minha mulher tem. Posiciona-te como a mulher que és em minha vida!

Maura ficou sem palavras, olhou para Armindo, admirada com a frieza de suas palavras e a inexpressão em seu rosto enquanto colocava os sacos no porta-bagagens do seu Kia Carens vermelho. Passaram maior parte do caminho em silêncio, de quando em vez, o suspiro de um cortava o silêncio absurdo e as falhas tentativas de colocar uma música que remediasse a situação.

— Chegámos!

— Não me irias levar para casa? — Questionou Maura, olhando para a entrada do estacionamento que dava direito ao quarto VIP da residencial Granizos.

— Não fui correcto com as palavras, amor, queira desculpar-me.

— A maneira mais perfeita que encontraste para pedir-me desculpas é me penetrares?

— Não é bem assim, amor...

Armindo respondeu enquanto acariciava a sua coxa, subindo levemente a sua mão.

Maura estava na defensiva, mas aquele gesto desarmava-a por completo. Sabia que ele a dominava e comandava o seu corpo de todas as formas. Ele conhecia cada Serra daquela Leba melhor que ela própria. Sempre que se chateavam por causa da sua dureza e violência nas palavras, dava um jeito de a penetrar como pedido de desculpas. Ela sabia que as coisas não deveriam ser assim, mas a sua paixão fazia os seus neurónios virarem de cabeça para baixo e esquecer que o homem rude, de há minutos,

foi substituído pelo carinhoso de agora. Algumas vezes, até se sentia culpada por despertar aquele homem ruim, entregava-se de corpo, alma, coração e arrependia-se minutos depois, após as borboletas no estômago morrerem. Maura prometeu a si mesma que, dessa vez, seria diferente e foi. Não se lembrava como, mas estava na cama da residencial, despida e com as roupas todas espalhadas pelo chão, ao som do chuveiro do outro lado do quarto. Saiu da cama, calçou as pantufas e caminhou até ao espelho. Desamarrou o lenço e deixou-o cair em seus pés. Passou a olhar para a sua imagem com pena e tristeza. Lembrava-se dos momentos doces com Kativa e dos quatro anos de namoro, questionava-se por que razão se contentava com as migalhas de Armindo, sendo que com Kativa tinha a refeição completa. Fora seduzida pelos bens materiais e a pseudoesperança de que Armindo deixaria Helena para ficar com ela. Divagava em seus pensamentos que mal deu conta que Armindo se aproximava.

O roçar em suas nádegas volumosas trouxeram-lhe arrepiada de volta à realidade.

— O que estás a pensar, meu doce?

— Nada.

— Te conheço e sei muito bem que, quando estás no mundo da lua, alguma coisa se passa. É por causa do que aconteceu hoje de tarde? Se sim, por favor me perdoa, não deveria ter feito aquela comparação, deveria ter compreendido que querias apenas fazer um agrado e apimentar a nossa relação. Fui grosseiro e muito egoísta. Peço perdão, meu bem.

— Quero ir para casa. — Respondeu friamente ao mesmo tempo em que apanhava a sua roupa do chão.

— Quer dizer, agora me vais tratar com frieza e indiferença? — Estou a falar contigo, Maura!

— Armindo, gostaria que me levasse em casa agora por favor, não te estou a tratar com frieza.

— Estás sim e por causa disso terás de pedir-me desculpas de joelho e sugar o meu nectar.

— Eu não vou fazer nada disso.

— Vais sim, porque eu quero que faças e te estou a ordenar.

— Não.

Armindo puxou o seu cabelo e colocou toda a sua força nos ombros dela, na tentativa de fazê-la ajoelhar. Maura, já com poucas forças após resistir, baixou-se e cumpriu a ordem do seu



amado, ao passo que a voz de Kativa penetrava lentamente em sua mente. Após gozar, Armindo sentou-se na cama ao lado da cômoda e retirou de lá dois envelopes.

— Amor, desculpa, eu não queria... por favor, eu sinto muito, mas acontece que algumas vezes perco o controlo e fico com a necessidade de ter todo o poder somente para mim.

Maura permanecia de joelhos, quieta e com os pensamentos imergidos na quarta dimensão do seu pensamento, sabia que toda a vez que discordasse de Armindo seria abusada. Tentava recuperar o pouco de dignidade que ainda lhe sobrava. Levantou-se e caminhou até ao quarto de banho, regulou a água para fresca e tomou um banho gelado, com a esperança de que, da mesma maneira que a água purificava o seu corpo, poderia limpar a sua alma. Aproveitou o momento e tirou as lágrimas que já há algum tempinho estavam a pedir licença para correr. Chorou silenciosamente por singelos minutos. Desligou o chuveiro, amarrou a toalha de banho e caminhou em direcção ao quarto onde deu de caras com Armindo de joelhos, a segurar um enorme buquê de tulipas amarelas, as suas favoritas.

— Amor, hoje não foi o melhor dia das nossas vidas, errei imenso e ainda te pedi para fazer algo que não te sentias confortável, se achas que eu estou errado, por favor me desculpas.

— Se acho? Armindo, tu estupraste-me e não foi uma vez apenas, como esperas que eu me posicione com isso?

— Amor, não foi bem assim, eu apenas extrapolei os limites, eu...

— Eu nada, não quero as tuas flores, apenas preciso ir para casa.

— Maura Alberto da Cruz Bangão, eu, Armindo Pedro, peço perdão por tudo. Havia me esquecido que hoje fizemos dois anos de namoro e só querias comemorar, te amo imenso e não te quero perder. Fui um canalha, quero e preciso que me perdoes, sabes que sem ti não sei viver, meu amor.

— Armindo, por mim, hoje chega, por favor não insistas!

— Tudo bem, podes pelo menos aceitar as flores e abrir o envelope quando chegares em casa por favor? Eu imploro. Considere-os como meu presente de Natal.

— Está bem.

Maura vestiu-se silenciosamente. Armindo caminhou até à recepção para pagar a conta.

No quarto, Maura cheirou as flores e, como se tocada por um passe de mágica, sentiu-se alegre e com o coração mais leve. Amava tulipas por diversos motivos, mas o principal era porque, toda a vez que cheirava e as abraçava, a tristeza se transformava em alegria. Apertou as flores em um abraço e desceu as escadas do quarto em direcção ao carro de Armindo que já estava aberto.

— Então, amor, te sentes melhor agora? Podes me perdoar?

— Estou sim, sabes que não consigo ficar muito tempo chateada contigo.

— Obrigado por isso. — Entrelaçou sua mão na dela e foi beijando-a melosamente durante o tempo em que conduzia.

Minutos depois, parou no mesmo local de sempre e despediram-se com um beijo molhado e apaixonado.

— Se cuida, minha princesa, falamos amanhã na mesma hora. — Despediu-se com um beijo na testa e arrancou com o carro.

— Alô, mamã?

— Sim, filha.

— Qual dos seguranças está de serviço hoje?

— O Paulo, porquê?

— Diz só a ele para vir com o carrinho de compras aqui na Rua T, estou com muitos sacos de compras e um enorme buquê, não terei como levar ao mesmo tempo.

— Está bem. Como fui deitar o lixo e já estou a caminho de casa, vou falar com ele.

Enquanto aguardava, sentiu uma rajada de ansiedade invadir o seu corpo, queria resistir, mas era mais forte do que ela. Tirou o envelope que estava no buquê e quase caiu de susto.

*Minha doce M.*

*Feliz dois anos de muito amor e carinho*

*Melhor que palavras, as minhas atitudes dirão o que sinto por ti.*

*Está acompanhado com esse bilhete o meu amor por ti e a minha vontade em ver o teu bem.*

*O meu amor por ti equivale ao amor da tua mãe por ti. Dessa feita, entrego-te os documentos autenticados, com o título de propriedade do apartamento da tua querida mãe, comprado, um vale de compras de mobílias na Ikoss Lda, um carro com motorista para auxiliar em casa e dois cartões com gastos ilimitados para ti e para*

*a tua querida mãe. Espero que me possas perdoar por todos os erros cometidos.*

*Te amo*

O susto não era de alegria, bem queria que o fosse. Era o susto da realidade, reduzida ao amor de uma amante camuflada no papel de “namorada”. Queria chorar, gritar, atirar tudo ao chão, mas não o fez. A parte mais dolorosa de seu sofrimento era o facto de ter que o enfrentar calada...

— Olha só quem acaba de chegar apenas agora e com um pedido de desculpas à sua querida mãe!...

— Olá, mamã, boa noite, como correu o teu dia?

— Mamã a porcaria. Os meus ingredientes estão aonde?

— Está tudo aqui e tenho mais um presente para ti.

— Ham, é o quê já?

— Toma esse envelope.

Dona Maurícia abriu o envelope e leu com a maior tranquilidade. Aos poucos, lágrimas passaram a invadir o seu rosto, fazendo ela ser levada pela emoção. Abraçou firme a filha e começou a soluçar, entre lágrimas.

— Muito obrigada, minha filha. Muito obrigada!

— Você merece, mamã. Tudo quanto puder fazer para deixar-te feliz eu faço. Meu maior sonho é ver-te feliz e sorridente, para tal, farei o possível e até o impossível.

— Mas sabes que isso é errado, pois não?

— Orroh, mamã! Não estou a entender. Não é a senhora que diz que homem é mesmo para lhe fazer sofrer e agora mudaste de ideias?

— Minha filha, isso não é coisa de levar muito em consideração, se calhar, a tua mãe não estava bem da cabeça. Queres que te sirva vinho? Olha que começou a chover com granizos.

— Está bem, mamã. Hoje é dia de alegria e não podemos nos focar nessas coisas. Juízo depois arranjamos pelo caminho.

Antes de irem cada uma para o seu quarto, jantaram carbonara e organizaram as compras feitas. Naquele instante, Maura percebeu algo: sua mãe a completava e bastava estar com ela que tudo corresse bem.

## **ALZIRA SIMÕES**

Nasceu há mais de meio século na província do Huambo, é licenciada em *Antropologia* pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, dispõe ainda do título de mestre em *Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa* pela mesma instituição e PhD em *Sociological Care Management* pela Cambridge International University.

Docente universitária há 35 anos nas mais diversificadas áreas da Gestão de Recursos

Humanos e das Ciências Sociais e Humanas no geral.

Formadora profissional certificada com mais de 15.000 horas de Formação Pedagógica Inicial e Contínua de Formadores, bem como mais de 25 anos de experiência em acções de formação comportamental e desenvolvimento pessoal, liderança, comunicação/atendimento, dinâmicas pedagógicas e recursos humanos em Angola e em Portugal.

Tem publicado recensões críticas, artigos de opinião e científicos em jornais, revistas científicas em suporte de papel e digitais.

Locutora e jornalista de rádio em Portugal.

Há 10 anos, faz revisões para a Editora *Mayamba* e para a *ÉSO-BRENÓS* Editora onde faz parte do Conselho Editorial.

Convidada a ser a vice-presidente da mesa de Assembleia da APG (Associação Portuguesa de

Gestão das Pessoas) para o Triénio de 2022 a 2024. Sócia há mais de 25 anos.

Foi a fundadora e presidente da Direcção Nacional da *AAGP* - Associação Angolana de Gestão de Pessoas de 2009 a 2014.

Madrinha da *BET ON PEOPLE* - 2017.

Madrinha da Escolinha Criar e Crescer - 2020.

Mentora do LiterArte – que vai na 7ª edição, criado em 2020.

Pertence à *Liga das Escritoras Africanas Angola* – Maio 2023

Gosta de ler, de declamar, de participar nos mais variados actos de #arteecultura, de viajar e conhecer novas pessoas e culturas, os seus usos e costumes.

## ***A FELICIDADE NATALÍCIA***

*ALZIRA SIMÕES*

Numa pequena vila à beira de um lago, vivia uma linda e jovem mulher chamada Lídia. Ela adorava cultivar lírios no seu jardim, era a forma de se ocupar, enquanto esperava o retorno de seu amor perdido, Leonardo, que partira para longe em busca de fortuna. Os dias eram cada vez mais longos, e as noites, ainda mais solitárias.

Certa vez, Lídia, com lágrimas nos olhos, lançou um olhar para o lago que testemunhara a sua felicidade outrora. Um lampejo de luz surgiu na água de repente, e algo brilhante emergiu. Era uma carta de Leonardo, contando as suas aventuras e prometendo voltar no próximo Natal.

A luz dos lírios iluminou o caminho de Lídia enquanto ela esperava. As estações passaram lentamente, entretanto, no dia 24 de Dezembro de 2023, ao pôr-do-sol, Leonardo regressou. Os seus olhos se encontraram, e a linha do tempo pareceu perder o fio. O lago, testemunha do amor deles, reflectia a felicidade que brotava nos seus corações e a certeza de que este Natal iria aquecer a sua noite.

*14.12.23*

## ***AP KITUXI***

AP Kituxi nasceu em Portugal, na Terra das Alheiras, em Julho 1953. Bebe água do Bengo, em Luanda, Angola, há seis décadas, tendo assistido, in loco, à proclamação da Dipanda de Angola, na Praça 1.º de Maio (hoje, da Independência), a 11 de Novembro de 1975.

Foi empregado de mesa, estafeta, professor, radialista e animador e jornalista cultural.

Aposentado, desde 2016, vem-se dedicando ao estudo e exercício da escrita literária.

Participou na II, III e V Colectânea de Poesia Lusófona em Paris, da Mag Editora. Tem contos publicados na Austral, prestigiada revista de bordo da TAAG.

É autor de “GENTE COMO NÓS | Retratos e estórias de bichos” e de “QUE-QUEM É (enigmas ilustrados), para crianças e adolescentes – ambos os títulos com a chancela da Mayamba Editora.

Tem escritos vários novos livros para crianças e jovens, nomeadamente A Pegada mágica e O Pinguim retornador, à espera de posses para os mandar ilustrar e publicar.

## UM NATAL ATORDOADOR

AP KITUXI

Como sempre fazia, a cada Natal, Tonito, petiz de nove aninhos, órfão de pai desde os dois, acordou com as galinhas<sup>1</sup>. E o responsável por madrugar era, uma e outra vez, o Pai Natal.

– Será que ele veio? – perguntou, sentado na enxerga<sup>2</sup>, aos botões do seu pijama de flanela estampada com figuras geométricas coloridas. E, acto contínuo, tirou da cabeça o quente gorro branco de lã, em sinal de respeito pelo ser evocado.

Enquanto esfregava os olhos, ainda ensonado, a amarga lembrança da vaziez do “sapatinho”, nos dois natais anteriores, aferroava-lhe a memória e o coração.

– Pai Natal, dizem que às três... é de vez! Vai ser... ou não? Se não for... – disse, como se orasse em surdina, olhos fixos na clarabóia do telhado sem tecto falso; calou-se sem completar a fala, por ver, através dessas telhas envidraçadas, uma estrela estranhamente brilhante, cintilante e cadente, em plena aurora.

Animado pela visão, livrou-se dos cobertores, levantou-se e rumou à lareira. Fê-lo pé ante pé, para não acordar a mãe, D. Amália, na cama ao lado; devido ao estado do soalho, um passo em falso poderia gerar um rangido barulhento e despertá-la.

Descido o degrau da porta do quarto, no qual o pavimento era de tábuas assentes em caibros e blocos de cimento, o frio chão empedrado da cozinha gelou-lhe os pés, apenas defendidos pelas já coçadas e remendadas meias de lã com que dormira. No

---

<sup>1</sup> *Muito cedo.*

<sup>2</sup> *Camã humilde; colchão de palha*

entanto, nada sentiu: diante dos seus olhos incrédulos, no soco esquerdo do único par de socos<sup>3</sup> que tinha e deixara, na véspera, juntinho à lareira, observava-o um tordo, ave de bela e luzidia plumagem tricolor e grande como nunca vira antes.

– Tadinho! – condoeu-se o menino, estacando para não o assustar. – Com o nevão de ontem, está muito frio, não é, Piu-piu? Se até cá dentro está um gelo, imagino lá fora! Mas, sossega; vou já acender o lume, pra ficares quentinho... ou será quentinha? – tagarelou, esquecido do Pai Natal.

– Quentinha! – respondeu a ave, indo empoleirar-se numa cadeira ao pé da mesa da sala-cozinha.

– O quê?! Tu falas?! – admirou-se o menino, literalmente atordoadado.

– Não tenhas medo! Sou a fada Philomela, da família dos tordos, e o Pai Natal enviou-me para realizar três desejos teus, por seres um menino bonzinho e amigo das avezinhas.

De facto, desde que, no ano passado, lera o poema “Sei um Ninho”, de Miguel Torga, no livro de leituras da 2.<sup>a</sup> Classe, Tonito tornara-se um acérrimo defensor dos “irmãos passarinhos” – como os tratava.

– Quero ter muitos amigos que façam o pino a voar – costumava dizer, parafraseando os últimos versos do poema.

Coleguinhas de escola até o chamavam São Francisquinho – para, achavam eles, o ferir, vingando-se de ele ter deixado de alinhar com eles nas caçadas. Porém, Tonito não reagia e não o dizia, mas gostava que o chamassem assim, sobretudo depois de a mãe lhe falar da vida e obra de S. Francisco de Assis.

---

*3 Calçado rústico, aberto atrás, com base de madeira e cobertura de pele de bovinos; tamanco.*



Uns dias antes, nesse mesmo mês de Dezembro, nos olivais pelos quais passara, na moina<sup>4</sup>, desactivara um bom número de armadilhas para tordos, que também aprendera a armar no ano anterior.

Eram feitas de varas flexíveis com um nó e um laço na ponta mais fina, entrelaçado o fio de barbante em pauzinhos parcialmente enterrados; a outra ponta, mais grossa e afiada, com navalha, era espetada na terra, formando um arco tenso; no meio dos pauzinhos, uma azeitona servia de engodo e de gatilho. Se um tordo bicasse a isca, corria o risco de morrer enforcado. Ou pior, sobretudo se fosse de maior porte, que resistia ao aperto do laço: morreria com o pescoço apertado entre o polegar e o indicador de um dos caçadores, muitas vezes impiedosos e estranhamente gozosos.

Além dessa acção recente em defesa dos tordos, desarmara também várias pescoceras<sup>5</sup>, uns dois meses antes, na temporada de apanha de outras aves, como tralhões e folecras – os mais apreciados dos passarinhos.

Às vezes, chegava tarde; encontrava os bichinhos sem vida, nada podendo fazer por eles. Era uma dor de alma que sentia então e lhe produzia lágrimas que lhe escorriam dos olhos, vindas do seu lindo coração. E nem as bicadas de um tordão, que salvou de um laço mal apertado, e de um corvo, que libertou dos arames de uma pescocera, o demoveram de continuar a sua solidária cruzada pela liberdade das avezinhas.

Felizmente, nunca foi apanhado pelos caçadores tramados; se o fosse, nem queria imaginar o que lhe sucederia.

---

<sup>4</sup> Colecta de azeitonas deixadas, em regatos e silvedos, após a apanha.

<sup>5</sup> Armadilha (uma espécie de ratoeira) para pássaros, em que se usava formiga com asa como engodo.

Após ter pensado nisso, ia o pequeno formular os três desejos à fada, quando sentiu uma mão meiga afagar-lhe a cabeça e ouviu a voz da mãe dizer-lhe:

– Acorda, Tonito! Tens de te preparar para ir à missa... E olha: parece que o Pai Natal veio!

Tinha vindo, sim, e trazido o par de botas que lhe pedira, na cartinha que lhe escrevera há dias e que a mãe dissera que ia meter nos Correios. Destinara-a, como pôde ler no sobrescrito, ao Pai Natal, Lapónia, Pólo Norte.

– Viva!!! Obrigado, Pai Natal!!! Afinal, existes mesmo! – exclamou e abraçou a mãe, terna e fortemente, mesmo antes de pegar nas botas e as experimentar, para logo a seguir as guardar.

Uau! Pareciam ter sido feitas por medida!

Depois da missa, à porta da igreja, a família do Ti Zé Francisco, agricultor abastado falecido recentemente, distribuiu pão, ovos e moedas de 20 escudos (uma fortuna!) às crianças pobres da aldeia, Tonito incluído; também, ao ir desejar feliz Natal aos padrinhos, Ti Silva e D. Amparo, donos de um sótão<sup>6</sup>, deram-lhe tecido (dizia-se, então, fazenda) para calças e camisa – como se fosse Domingo de Ramos, e ele lhes tivesse levado, como costumava, nessa data, um raminho de oliveira enfeitado com violetas, peónias e outras flores primaveris.

Graças a esses inesperados mecenas e ao Nelo, seu mano mais velho, emigrado em Angola, que enviara dinheiro à mãe, para lhe comprar as desejadas botas, o puto Tonito, no seu torrão-natal perdido no Nordeste de Portugal, pôde continuar a acreditar no Pai Natal.

---

<sup>6</sup> Loja (misto de taberna, mercearia e boutique).

Mas, o sonho que tivera não lhe saía da cabeça. Fora tão real! E, se fechasse os olhos, como que conseguia reviver o sonhado. Daí que continuasse em dúvida sobre se fora ou não real o encontro improvável que, em seu entender, acontecera mesmo.

O certo é que o par de botas seria o seu primeiro pedido, pelo que o deu por satisfeito. O segundo realizou-se dias depois, no primeiro dia do Ano novo, quando estreou as botas e as roupas que a mãe do seu colega Ernesto, que era costureira, lhe fez, sem cobrar o feitio: na peladinha feita no prado da aldeia, ajudou a sua equipa, com três golços, na vitória, por 5 a 3, sobre a oponente da 4.<sup>a</sup> Classe.

– Estas botas são mágicas! – considerou, felicíssimo, pois nunca tinha jogado tão bem, nem mesmo nos jogos feitos com os pés descalços, como gostava, no tempo quente.

Recebeu, tipo nada por fora, mas alegre por dentro, as felicitações dos colegas de equipa, anteriormente críticos do seu fraco desempenho que quase sempre o remetia ao banco dos suplentes. Admirado e contente com o sucedido, voltou a recordar o sonho tido e pôs-se a falar com os botões azuis claros da sua camisa castanha de algodão, axadrezada com linhas brancas e verdes-vivo:

– Será que o terceiro pedido que eu queria fazer à fada Philomela também se vai realizar?

Nesse preciso momento, uma linda torda esvoaçou sobre a sua cabeça, trinando uma melodia tão canora, tão canora, que o fez acreditar que sim, que chegaria a hora de ver realizado o terceiro desejo que não chegara a formular.

*12/2023*

## **CREMILDA DE LIMA**

Maria Cremilda Martins Fernandes Alves de Lima, nasceu em Luanda.

Tem o Curso do Magistério Primário, é Bacharel em Pedagogia e Licenciada em Ensino Básico – 1.º Ciclo.

Foi nomeada duas vezes para o Prémio Internacional de Literatura Infanto-Juvenil Astrid Lindgren e para os Globos de Ouro Angola.

Participou na Reforma Educativa em Angola.

Em 1977, começou a editar os seus primeiros contos nos manuais de leitura para o Ensino de Base, 1.º Nível.

Faz parte da primeira colecção de contos infantis “Colecção Piô... Piô...” editada em Angola.

Participou na selecção e organização de textos e na realização da colectânea “HISTÓRIAS DE ENCANTAR”, Livro de Ouro da Literatura Infantil Angolana.

As suas obras têm sido apresentadas ao público leitor em diversas manifestações culturais, em jardins de infância e outros níveis de ensino, bem como em programas de rádio e televisão e programas de internet.

É autora do 1.º CD de Contos Infantis Angolanos editado pela NIDO/Produções e adaptação da EXECUTIVE.

Participação na Revista L/Atitude com um tema sobre o Dia Mundial da Língua Portuguesa 2021.

Participação na Gazeta Lavra e Oficina, UEA, Edição Março/Abril 2021.

“Alma de Kaluanda”, o seu primeiro livro de poesia, já faz parte da nossa memória colectiva e foi editado em 2019.

“Brasas Reacendem Imagens”, Poemas e Pensamentos, foi editado em 2022 e concorreu ao Prémio DSTANGOLA/Camões 2021/2022.

É membro da União dos Escritores Angolanos e da Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde.

Nomeada Diva da Educação, na Edição Divas de Angola, um Projecto da Semba Comunicação, em 2010.

Vencedora do Prémio Nacional de Cultura e Artes, Edição 2016, na disciplina de Literatura.

Eleita vencedora na categoria feminina de Literatura, no âmbito da eleição das Personalidades Lux 2016, organizado pela Revista Lux Angola.

Condecorada com a Outorga de Medalha de Bravura e Mérito Cívico e Social de Segunda Classe, por Sua Excelência Presidente da República de Angola, João Manuel Gonçalves Lourenço, em 10 de Novembro de 2018.

“A Literatura Infantil Angolana no período Pós-Independência”: Estudo sobre a Escritora Cremilda de Lima, Tese de Mestrado de Maria Manuela Cristina “Kanguimbo Ananaz”, editado em 2018.

Participação no IX Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, uma organização da Cidade da Praia/Cabo Verde e da UCCLA (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa) em 2019.

Participação no Projecto LER & CONTAR, produção Noitibó Confraria, 2020.

Participação na Colectânea (Poemas – Crónicas – Contos) “Escritos de Quarentena”, Edições Handyman, 2020.

## **TRUZ... TRUZ... TRUZ... É NATAL**

*CREMILDA DE LIMA*

Nos arredores do Cuchi, uma cidade e município da província do Cuando Cubango, vivia o avô Sapalo com a sua família.

Todos os dias pela tardinha, com o passo lento, apoiado à sua bengala, lá ia ele encontrar-se com as crianças no jango.

As crianças que brincavam no jardim que ficava no meio da vila, mal o viam, corriam, cantavam, saltitavam como os gafanhotos. Eram muitas e de todas as idades.

O avô Sapalo era um kota muito querido por todos.

Kalu, sempre muito atencioso, foi o primeiro a ver o avô. Foi logo a correr ter com ele.

— Avô, precisas de ajuda? — E abraçou-o com muito carinho. Outros meninos iam chegando... chegando...

— Um... Dois... Três... Calubungo... — disse o avô com muita alegria.

— Calubungo, avô o que é isso? — perguntou Kalu.

E o avô a rir disse:

— É a varinha mágica para dizer que a nossa história vai começar...

— É giro, avô! Gostei e vou repetir para ver se todos vão escutar: Um... Dois... Três... Calubungo!...

Kalu repetiu três vezes e os amigos bateram palmas e mais palmas cadenciadas... e repetiam saltitando de contentes.

A hora era de tanta magia!... Muitas crianças de todas as idades atentas às palavras do avô.

— Era uma vez... — começou o avô com aquela voz de soba grande.

«Esta história é diferente e vocês vão descobrir. Era uma vez, dois meninos que se chamavam Betinho e Manucho. Os pais tinham muito gado e eles, com apenas doze anos, eram os pastores. De manhã, iam à escola e, de tarde, levavam o gado a pastar. Andavam sempre com uma cabaça com bulunga, o porrinho, e tinham como companheiros dois cães, o Pouca-Sorte e o Mabeco.

Levavam o gado a beber água da chimpaka que é um reservatório preparado para armazenar a água da chuva. Percorriam

alguns quilómetros à procura de capim verdinho para os animais comerem. Enquanto o gado pastava, eles entretinham-se a caçar rolas e a apanhar frutos silvestres. Certo dia, tão entretidos estavam na caça de rolas e a apanhar os frutos silvestres que nem viram o tempo passar. Encostaram-se a uma mulembeira a descansar um pouco. Betinho entrou profundamente no mundo do sonho:

— Manucho... olha... olha... olha... para o céu...

— Para ver o quê? – perguntou Manucho.

— Um avião que traz muitos balões coloridos. — respondeu Betinho.

— Que lindo! Sabes? Está quase a chegar o Natal. Muitos meninos gostam tanto de balões e claro nós também gostamos.

De repente, cada balão era uma estrela... tantas estrelinhas. Rapidamente todas se juntaram e, no céu, era apenas uma estrela grande... grande e de todas as cores.

Manucho, imitando a voz dos bois, fez muhhum... muhhum... muhhum... e Betinho acordou muito assustado.

— Eh!... Eh!... Eh!... Estava tão bem a sonhar e tinhas que me acordar! — disse Betinho a esfregar os olhos com o sonho bem presente na memória.»

E o avô continuou a contar e até a cantar:

Um balão, dois balões.

Tantos, tantos balões.

Uma estrela, duas estrelas.

Tantas, tantas estrelas.

Todas juntas numa dança

Iluminaram o céu!...

Uma estrela gigante se formou...

É Natal!... É Natal!... É Natal!...

Todas as crianças, alegres e descontraídas, rapidamente aprenderam a canção.

Antes de se despedirem, o avô disse-lhes:

— Vamos todos para casa e o final da história quem vai inventá-lo são vocês.

Na noite de Natal, todas as crianças quiseram homenagear o avô. Ensaíram uma canção feita por eles. Arranjaram chocalhos, uns tamborzinhos, sininhos e fizeram-lhe uma surpresa.

Antes da meia noite, o avô, sentado no seu banquinho, ouvia notícias num rádio de pilhas muito antigo.

A avó Vilinga preparava um pirão de fuba de milho para o jantar.

De repente... a estrela de todas as cores iluminou o céu e um dos seus raios entrou pela janela.

— Que luz é essa? — perguntou o avô como que falando consigo próprio.

Um grupo de crianças estava em frente à porta e começou a cantar:

*É noite de Natal!  
Jesus nasceu  
O mundo agradeceu  
A magia do Natal  
Que é ter um avô sem igual*

*Na noite de Natal  
Uma estrela brilhou  
A todos encantou  
A magia do natal  
É ter um avô sem igual*

Mal acabaram de cantar, ouviram:

— Truz... Truz... Truz!

E rapidamente todos olharam. A estrelinha de todas as cores iluminou o espaço todo. Com ela vinha o Pai Natal, trazia no seu cangulo voador muitos presentes. Mas o maior presente foi a estrela grande e colorida que os netos colocaram à entrada da porta da casa.

A avó estava tão admirada com aquilo tudo que até exclamou:

— Afinal é mesmo já Natal!...

— Minha querida! O tempo está só a passar... passar tipo abre e fecha a porta, abre e fecha a janela. — respondeu muito pensativo o avô Sapalo.

E a avó Vilinga acrescentou:

— A vida é só uma passagem... e é bom aproveitarmos todos os momentos.



— Sempre soube que és uma pessoa muito especial, querida  
— E olhou para ela com muita ternura.

— Vocês, meus netos, merecem também um presente por alegrarem a nossa noite de Natal. Amanhã vamos almoçar todos juntos, no jango. Vamos todos conviver com muita alegria e satisfação. Mas... tenho uma tarefa que é a de enfeitarem o jango. Na loja do bairro, vão comprar cola, papéis coloridos e tudo o que fica bonito no dia de Natal, disse a avó muito entusiasmada.

O avô escutava e, com muita alegria, disse:

— Não se esqueçam, no ponto mais alto do jango vão colocar a estrela de todas as cores.

— Claro, avô! Essa estrela está nos nossos corações.

No dia seguinte, a alegria foi total. O jango estava lindo, todo enfeitado com os brilhos do Natal.

Cuchi, uma cidade maravilhosa, teve a maior e mais bela festa de Natal onde a alegria reinou em cada coração.

Uma história que eles inventaram, uma mistura de sonho e realidade.

*12/12/2023*

## **LUCAS CASSULE**

Nasceu no Bengo, a 6 de Julho de 1986, licenciado em Engenharia Informática. É escritor, editor, mentor de escrita criativa, docente universitário, locutor de rádio e promotor cultural. Autor dos livros: A vila assombrada pelos makixi I e II, Afroerotismo em contos, Mil correspondências – o lado negro da saudade e co-autor do livro Karingana - 2 povos, 2 contos, Pelo Poder Popular, Colectânea de Poesia Lusófona Mundos (livro 21, publicado em Lisboa) e da Colectânea de contos GELELA. Tem ainda diversos contos publicados no Jornal Angolano de Artes e Letras, no portal da literatura angolana “ésobreler”, no portal brasileiro Crónicas Cariocas e no seu blog. O autor escreve em prosa, poesia, crónicas e pensamentos.

Em 2022 foi homenageado pela Africa Honore Author, na conferência de Génesis, Firemont, em Johannesburg, pelo seu contributo à literatura angolana e ao resgate e promoção do valor cultural africano.

Foi eleito como uma das cem personalidades literárias mais influentes do ano 2023, pelo Clube de Autores.

## **UM NATAL DE REIS**

*LUCAS CASSULE*

Vemba veio ao mundo para cuidar dos outros. É o que ele acredita, é o que sempre diz aos outros e a si mesmo. Mesmo nesse início da noite, poucas horas antes do nascimento do Menino Jesus de Nazaré, enquanto caminhava, pensou nisso, ao lembrar-se da promessa que tinha feito aos irmãos. Nzaje era o que lhe dava mais trabalho, tinha menos de seis anos, depois dele, segue Florinda, por ser a única mulher, embora estivesse acima dos dez, precisava de a proteger dos predadores (os outros meninos de rua mais crescidos e violentos). Vemba arrastava os pés pesados e coxos, mas muito rapidamente, tinha uma inflamação no calcanhar esquerdo, uma infecção que o acoitava há alguns meses, calçava apenas uma chinela nesse mesmo pé calejado, a outra despedaçara-se ao meio, cansou dos remendos. Isso não lhe importava, no entanto, Nzaje tinha ainda umas sandálias velhas, Florinda também, os outros dois eram homens e fortes como ele, podiam muito bem aguentar assim.

Enquanto vencia a distância, não deixava de pensar neles, na única família que escolheu ter, a nostalgia de viverem ao relento o incomodava ainda mais em tempos de festas. Era nesse período em que se lembrava da sua mãe, do quanto se embebedava de álcool no mês de Dezembro, que se esquecia de cuidar dos filhos, esquecia-se de os alimentar, na verdade, bebia para esquecer a fome, a dela e a dos filhos, foi assim desde que o marido partiu, morto à facada por meliantes no bairro São Pedro da Barra, eles queriam o seu telemóvel, mas ele não cedia, pagou caro, com a vida.

Vemba não suportou aquele sofrimento por muito tempo, decidiu sair e não mais voltou. Para trás, ficaram seus dois irmãos, muito pequeninos. No dia em que partiu, tinha só onze anos. O que é feito deles? Não encontrou resposta, mas não ficou triste, aprendera a reprimir a dor que sentia ao lembrar-se do sofrimento dos irmãos. Interrompeu os passos e voltou-se para trás, as luzes do 1.º de Maio enchiam toda a sua visão. Mas não foi por isso que parou, teve a sensação de que um de seus irmãos o seguia. Nzaje chorava quando ele partiu com a promessa de

voltar com um enorme bolo. Não chora, eu prometi que iríamos ter um Natal de reis e é isso que vos vou dar, aguardem só aqui, disse aos irmãos.

Morador das ruas de Luanda há mais de quatro anos, conheceu todos os esconderijos, todos os contentores para catar comida e todos os meninos sem abrigos como ele, os bons e os maus. Tornara-se rei das ruas, ele mesmo o disse uma vez a Nzaje enquanto tentava transmitir-lhe segurança no meio da noite, quando dormitavam numa dessas casotas de papelão, no Largo da Sagrada Família:

— Ninguém te pode fazer mal, nem a ti e muito menos à Florinda, todos aqui me respeitam como um rei, o rei das ruas!

Nzaje acreditou, o irmão chegara à sua vida há um ano e tornara-se seu herói.

Vemba voltou-se em direcção ao Jumbo, ao ver de longe o nome do supermercado em letras luminosas, sentiu cheiro de bolo e imaginou um em suas mãos, tão cremoso que o fez engolir saliva, a doçura do recheio melou-lhe a língua e o cheiro forte das frutas cozidas lhe enfeitiçou o olfacto. Apressou os passos, com um pé atrasando o tempo do outro, mas não deu ouvidos à dor, nunca dava, foi só se arrastando mais rápido até chegar ao portão. À volta do portão e nos arames que percorriam o muro do quintal, não faltava a decoração habitual: luzes brilhantes, balões multicolores e tantos outros adereços que reflectiam na luz e cantavam o espírito Natanoel. No largo quintal, um enorme pinheiro artificial se erguia até ultrapassar a altura do edifício, também repleta de luzes. Havia carros estacionados no parque e muita gente saía da loja com sacos cheios de compras, felizes.

A magia de Natal não se compara a nada, Vemba disse ao apreciar a euforia das pessoas e a decoração diferenciada do lugar. Usava roupas muito velhas e tinha um odor muito desagradável, por isso, poucas vezes se atrevia a encostar muito às pessoas que lhe pareciam normais, mesmo quando pretendia pedir comida ou outro tipo de ajuda.

Dois seguranças estavam muito afastados do portão, Vemba, enquanto espreitava, estudava os seus movimentos, como me aproximar ao parque sem ser visto por eles? Voltou a passar as mãos no cabelo muito crescido e desarranjado e sacudiu a camisa surrada de cor preta. Mal viu um dos seguranças a estender as mãos para ajudar uma mulher com compras, correu para dentro

do quintal e desviou para a esquerda, onde havia dois carros, ficando ao lado de um Mitsubishi Pajero, preto. Deteve-se a olhar desconfiado por cima dos vidros, a examinar os seguranças e as pessoas que carregavam compras. Aquele ponto, por ele escolhido, era o mais cego de todo o parque, o feixe de luz batia apenas num dos lados do veículo e os seguranças estavam mais voltados para o portão.

Cheirava a bolo, agora, muito mais intenso, mas essa sensação só era experimentada por ele. Era, na verdade, a ansiedade da promessa que fizera aos irmãos que não eram de sangue, mas pensando no facto de que abandonara os seus, tentava, com a presença deles, redimir-se. Cheira a bolo rei!, voltou a dizer para si mesmo. Como farei para ali entrar? Mirava, agora, para o portão principal, rodeado de balões e luzes intermitentes, dentro da loja, estavam guardadas carradas de bolos reis, mas como faria assim que teve acesso à loja? Quem o deixaria entrar estando na sua condição, com o fedor da roupa e o rosto todo cheio de arranhões? Conteve-se mais um pouco, até ver um casal sair do interior e trocar diálogos com os seguranças. Prestou-lhe mais atenção, a mulher, pelo que parecia, carregava um caixote. O homem que a acompanhava parecia alguém acima dos quarenta anos, tinha a tez escura e era muito alto, a mulher era também negra e muito jovem, parecia filha dele, quando eles começaram a caminhar na sua direcção, Vemba verificou num detalhe: a mulher estava gravidíssima, a barriga muito avolumada, escondida num largo vestido branco. Sentiu o coração a apertar, mas não era o momento de recuar os planos. Estará a carregar um bolo naquela caixa?, perguntou-se em pensamentos.

Baixou um pouco a cabeça na sombra, mas com os sentidos muito aguçados para escutar o barulho dos passos dos dois. Atirou a mão direita à cintura onde tinha a sua pequena navalha de metal, escondida nos calções, mas apenas ficou com a mão preparada para o que vier, sem a brandir.

O homem sorriu para ele quando o viu, foi a primeira vez que alguém o viu na escuridão sem reagir assustado ou fazer alaridos. O que fazes aí, menino? O homem perguntou e a mulher achegou-se finalmente perto dele, e o abraçou. Ficaram os três estacados, o casal à espera que Vemba falasse qualquer coisa, pois estava muito encostado ao carro deles.

— Nada, tio, nada.

Vemba deixou cair as mãos sem a faca e afastou-se do carro. Ficou com os olhos presos à caixa da mulher. O homem tinha as duas mãos ocupadas com sacos, mas ajeitou-se até apertar o comando para desbloquear as portas. As luzes do carro piscaram, um alarme ecoou freneticamente.

— Ah, nada. Já sei que tens vergonha de dizer que tens fome. Vá, ajuda-me a abrir a porta para colocar esses sacos, a minha esposa não pode ficar muito tempo em pé.

Vemba sorriu envergonhado e obedeceu. Quis abrir a porta de frente, o homem disse não, a porta seguinte. Abriu-a e afastou-se um pouco, sentiu, no entanto, o cheiro perfumado de carro novo que lhe abafou o nariz e lamentou nunca ter subido numa máquina de tamanho luxo. O homem pousou os sacos nos bancos, mas sempre atento ao olhar do menino que tinha voltado a sua atenção à caixa. Antes de o receber das mãos da moça, o homem disse: amor, penso que já encontrámos o novo dono desse bolo, não achas? Ela é esposa desse matulão?, o menino questionou-se em pensamento, ao ouvir a indagação, mas isso não lhe interessava, ficou ansioso pela resposta afirmativa dela.

— Qual é o teu nome, menino? — era a primeira vez ela proferia uma palavra, uma pergunta, no caso.

— Vemba, tia.

— Tia?

A moça soltou uma gargalhada e segurou a barriga como que a proteger o bebé. Mal sabia ela que o pequeno Naya (escolhido por eles em função da junção dos dois nomes) nasceria nessa mesma madrugada, depois de dez longos meses de gestação.

— A minha esposa não gosta muito da ideia de ser muito adulta. Entendes, Vemba?

— Sim, tio.

— Já vi que tu gostas de chamar tio nas pessoas. Pronto, diz-me uma coisa, onde tu vives?

O menino não respondeu, só olhou para trás, para a rua e voltou a olhar para ela. A moça entendeu. Nessa altura, ela já tinha depositado o bolo nas mãos do esposo.

— Estás com mais alguém ou andas sozinho?

Vemba tinha já um sorriso desenhado na boca, era o mesmo bolo que ele desejava, o rei, e que, com sorte, ficaria com o mesmo sem esforço algum.

— Tenho quatro irmãos.

— Irmãos? — perguntou o homem.

— Sim, são os irmãos que as ruas me deram.

O casal trocou olhares e balançou a cabeça a concordar com ele.

— Prometes que vais comer com eles e com todos os que estiverem na tua situação?

— Sim, tia. Prometo.

A moça voltou a sorrir, mas, dessa vez, muito levemente.

— Yami, amor, estás à espera de que?

O homem apressou-se a entregar o bolo e pediu desculpas, depois, voltou-se para fechar a porta por onde colocou os produtos no carro. O menino recebeu e agradeceu, muito obrigado, tios, recuou dois passos, sempre olhando para a moça, mas, agora, apreciando a forma como ela estava a ser simpática com ele.

Depois, a moça voltou a recuar, pela parte frontal da viatura, por onde saiu, o marido seguiu-a, ela andava devagarinho e muito à rasca, o que fez o pequeno Vemba murmurar: está quase a nascer. Quando chegou do outro lado, ela voltou a olhar para trás.

— Vemba, a tia Jana Mpanzu e a sua família desejam a ti e aos teus irmãos festas felizes!

— Muito obrigado, tia Jana.

O homem sorriu-lhe, depois, adiantou-se para abrir a porta e deixar entrar a mulher. Voltou rapidamente aonde Vemba estava e entrou no seu lugar, ligando o carro de imediato.

— Cuida-te, kandengue! — gritou para o menino depois de ouvir o roncar do motor, dando, de seguida, início à marcha.

Depois de ver o carro desaparecer pelo portão, Vemba deixou tombar as lágrimas que segurava nos seus olhos. Não se mexeu, ficou a digerir o momento, a apreciar o sorriso do tio Yami e da tia Jana que ficaram registados na sua mente. Voltou a pensar nos seus irmãos, os de sangue, doía-lhe não ter em suas memórias um momento em que tivera celebrado um manjar de Natal com eles, só resquícios das brigas da mãe e o pai e das noites em que o mais pequeno choramingava por falta de comida, só lembranças da mãe a chorar amargamente pela partida do pai: e agora, me deixaste sozinha, como vou sustentar as crianças sozinha?!

Limpou as lágrimas e avançou coxo para o portão. Antes de sair, tornou a apreciar a lindeza da entrada da loja. Eu disse que

vos vou dar um Natal de reis, pensou, e, nesse momento, o rosto dos seus irmãos ocupou a sua mente como num filme de cinema, Nzaje sorria, Florinda também. Partiu então para o local em que era esperado.

*3/12/23*



## ***NADAVY***

Nahary David nasceu em Luanda, Ingombotas, aos 2 de Junho de 1998. Autora do livro “Nossas Diferentes Semelhanças, vol. 1” e co-autora do conto “A vala de sangue” publicado em e-book. Pretende conquistar o mundo através da sua veia artística. Sonha um dia poder acordar e viver da escrita, uma vez que o poder que descobriu nela poderá ajudá-la a tocar os corações e espalhar a magia pelo mundo.

## *A VALIOSA TRADIÇÃO*

*NADAVY*

— Nito, não vens connosco? — O seu amigo questionou com esperança no olhar.

— Não, o meu pai não deixou.

— Eh! Assim vais passar o Natal sem fazer nada? — Nito deu de ombros, conformado com o habitual.

Faltavam poucas horas para o Natal e o seu amigo preparava-se, com a sua família, para fazer a ceia em casa da avó, que prometia ter bolos, gasosas e filmes que bastassem para passarem a noite toda acordados.

O seu amigo estava tão feliz porque estaria com todos os seus primos reunidos e sabia que era diversão garantida. Mas sentia pena de Nito.

Um amigo querido e inteligente de oito anos que só ouvia falar sobre o Natal. Apesar de ser igualmente o dia do seu nascimento, o seu pai, o seu único familiar presente, não suportava a ideia de celebrar o dia em que perdeu o seu grande amor.

O pôr-do-sol fluorescente irradiava o bairro de uma maneira sem igual. O sinal preciso para as crianças entenderem que a melhor parte do dia se aproximava e a diversão estava prestes a começar. As mães passaram a entoar o pedido de regresso aos seus pequenos para que, quando preparados, comessem com a valiosa tradição: esperarem pelo momento da ceia, limpos, bonitos e cheirosos.

Nito continuava sentado no passeio da rua atrás da sua, próximo da casa de seu amigo, sem alegria, sem esperança de

celebração. A lua estava cheia e os seus olhos também, lágrimas escorriam-lhe sem cessar, lavavam o seu rosto magro e a alma fardada. Nito, de alguma forma, tentava entender se tinha culpa de tanta coisa má acontecer.

Depois de um longo e silencioso matutar, decidi ir para a casa. Encontrou o famoso carro azul e branco de seu pai, identificando que o mesmo já tinha chegado, para o seu desagrado.

Empurrou a porta e deparou-se com o inesperado.

O seu pai estava sentado numa cadeira de plástico branca, ao lado de uma árvore de Natal em pequeno tamanho, composta por garrafinhas de plástico e contáveis adornos vermelhos e brancos, que tinha pedido há três dias à sua vizinha, e uma estrela feita de papel e cartolina para dar sustentabilidade.

Decidi surpreender o filho no dia em que menos esperava, e esperava que ele o perdoasse por tamanho desinteresse da sua parte, pois ele não tinha culpa pelo facto de que a mãe tinha sido negligenciada pelos médicos durante o parto e isso tivesse resultado na sua partida.

As lágrimas tinham regressado quando viu o seu pai a aproximar-se com uma pequena caixa lacrada com papel verde claro, sua cor favorita, e ficar de joelhos à sua frente.

— Filho, meu valente filho Nito, obrigado por seres o melhor presente que Deus me deu. - Aliviou o seu peito após falar e limpou as lágrimas do seu pequeno. - Espero que um dia me perdoes, eu não tinha o direito de te privar de alguma coisa, nem da tua própria mãe.

Entregou-lhe a caixa na esperança de que estivesse a tomar a melhor decisão da sua vida. Depois de aberta a caixa, Nito retirou um pequeno quadro fotográfico em que seu pai trocava

olhares apaixonados com uma mulher sorridente, a quem o rapaz captou ao máximo a simplicidade no olhar. Nito perdeu-se na imensidão da beleza dela, os contornos da sua face e o seu sorriso brilhante.

— Filho, esta era a Jandira, a tua mãe. — O pai anunciou-lhe, em voz muito branda.

*12/2023*

## ***REINIRA28***

Reinira28 nasceu a 28 de Julho de 1996, é natural de Ingombotas, província de Luanda, Angola.

Do seu percurso académico interessa destacar a conclusão do ensino médio em Ciências Humanas e a licenciatura em Relações Internacionais.

Descobriu o seu dom para a escrita e escreveu a sua primeira estória em 2018, aos 21 anos, e desde então não mais parou de escrever.

Estreou-se oficialmente no mercado literário angolano, em Julho de 2020, com o livro digital intitulado “Com Quem Me Casei?” do género romance.

Em Janeiro de 2021 lançou o seu primeiro livro no formato físico, intitulado “Otchali. Filhas da Terra. Filhas de Angola” (volume 1). Participou da coletânea de contos intitulada “Triilha dos Inadaptados” da editora Palavra&Arte, lançada a 30 de Outubro de 2021 e em Novembro do mesmo ano colocou no mercado o segundo volume do seu livro intitulado “Otchali. As Armadilhas do Destino”.

## TININHA E A CEIA DE NATAL

REINIRA28

*“Os sonhos são feitos dos nossos desejos mais íntimos, das nossas crenças, daquilo que almejamos alcançar.”*

Tininha era a do meio, de um total de sete irmãos. Os mais velhos eram Pai Loy, Ducha e Bebuchá e os mais novos Lara, Cláudia e Graciano. Era uma menina sonhadora, alimentava-se da sua imaginação, de onde tirava forças para persistir e vencer. Acreditava na bondade acima de tudo, como se só soubesse ver o lado bom das coisas.

— Ó mãe! Sabias que hoje o pai bateu a Ducha? Ela não aceitou vender, fugiu com uma amiga para verem a árvore de Natal que montaram no Shopping. Ela disse que é enorme e que puseram várias luzes. É tão grande como do tamanho do mundo toooodo! — gesticulou a abrir os braços em direção ao céu. A mãe sorriu com a alegria da filha, só de imaginar o cenário. — Eles dizem que isso não é para nós, que só os meninos ricos é que têm árvores como aquelas e montes de presentes, mas é mentira, né mamã? Nós um dia também vamos ter. — gritou em seguida. Todos olhavam para Tininha desconfiados. Ela sempre foi uma criança especial, diziam alguns. *“Essa miúda mazé tem problema de espírito. Mã Lola fica só a ignorar porque é criança, vai se dar só male”*. Diziam outras bocas mais aguçadas.

— Vai para dentro, Tininha. Já está tarde. — aconselhou a mãe.

— Mas eu não quero dormir, mamã. O papá nem chegou ainda.

— Mesmo assim. Vai já para cama. — ordenou.

Tininha não quis, mas obedeceu a mãe. Desceu do pequeno muro que separava o quintal da vizinha do deles e foi para o seu palácio, como costumava chamar o quarto onde dormiam, um compartimento tão minúsculo que se podia ouvir a respiração uns dos outros e o bafo do pai, mã Lola, que fazia questão de chegar sempre bêbado a casa, acompanhado de saquinhos de “*The Best*”.

— Olha então! Já vai entrar, mas sempre a falar sozinha. Miux. — resmungou a vizinha com raiva.

— Deixa a miúda em paz, Lila. Ela é criança. — respondeu-lhe a filha, que até simpatizava com a miúda.

— Rhum. Vocês só porque estudam, acham que falamos à toa! Ela está sempre a falar com a tal mãe. Qual mãe? Se a falecida morreu com aquele último nené? O cabeçudo do Graciano que só chora, só lhe dão kissangua, coitado. Deve ter anemia!

Tininha era muito nova para perceber a malícia dos adultos. Desde que a mãe faleceu, fazia um ano, os sete passaram a viver dias sofridos. Não era como se não soubesse que a mãe já não estava viva, mas optou por ser otimista e se apegar à sua memória, ao contrário dos irmãos. Pai Loy encontrou amparo nos grupos de rixas e furtos do bairro. Ducha e Bebucha, apesar de ajudarem o pai com a venda dos bolinhos feitos por Bebucha durante as manhãs, encontraram na *vida fácil* das noites uma alternativa rápida para suprir as necessidades que tinham. Já os mais novos, eram usados pelo pai para pedir esmolas nas ruas. Nos semáforos.

Na manhã seguinte, Tininha preparou o matabicho dos irmãos mais novos, apenas pão com manteiga, o que tinham conseguido com as esmolas, e, enquanto se preparava para ir à escola, foi abordada por sua irmã Laura.

— Tininha, é verdade que consegues ver a mamã? Nós não conseguimos ver, porquê?

— Se vocês acreditarem, vão poder ver, assim como eu.

— É verdade que nós um dia teremos um Natal como daqueles meninos ricos?

— Claro! A mamã disse que sim. Que vamos estar todos juntos numa grande ceia. Com uma árvore tão grande como do tamanho do mundo toodo. — respondeu a gesticular as mãos para o alto.

— Rah, rah, rah! Não me faças rir, Tininha, deixa de pôr essas minhocas na cabeça das miúdas. Quali ceia? De fuba de milho com aqueles rabo de galinha que agora estão a vender caixa nos armazéns. Faz sócia com aquela vizinha aí do lado que já te chama de feiticeira. — brincou Pai Loy com os sonhos da irmã, mas ela não se abateu. Sorriu e permaneceu confiante. — Só mesmo um milagre. Ceia ... ceia ... rhum.

— Deixa de ser tantá, Tininha. A mamã morreu, ué! — gritou Ducha.

Ela fingia acatar e calava, mas, assim que os irmãos dessem as costas, voltava a imaginar como seria se todos os seus sonhos pudessem ser realizados. Os irmãos mais novos pouco podiam fazer, estavam à mercê do pai e dos irmãos mais velhos que tinham perdido a fé. Diferente deles, a escola sempre foi um refúgio para ela. Despediu-se e para lá partiu. Rita, a professora, tinha um carinho enorme por ela. Tanta sabedoria para uma



criança de apenas 9 anos. A vida era tão difícil, mas não se deixava abater, estava sempre radiante e tinha sempre os deveres feitos. A professora auxiliava-a com os materiais da escola, livros, cadernos, batas. Tudo para que ela continuasse os estudos. Quem não gostava disso era o pai. Nesse dia, ao notar a ausência dela, ficou furioso: — Miux, em vez de ficar aqui a vender os bolinhos da Bebuchá, não! Foi aonde aquela macaca? Só sabe fugir.

— Ela só quer estudar, deixa lá a miúda. É a única que vai se salvar, porque essas duas aqui só sabem seguir homem. — defendeu-a Pai Loy que discordou do pai. Considerava a irmã sonhadora e admirava-a por isso, mesmo sem demonstrar, mas tinha receio que ela sofresse por sonhar alto demais.

— Escola traz lá dinheiro? Os livros alimentam? Essas aqui é que têm juízo. Depois vai chegar aqui “*tenho fomeeee*” vou-lhe chapar bem! Nem sei se saiu a quem essa miúda. Não tem juízo pah! — mã Lola frustrou-se. Ele precisava das crianças para pedirem esmola nos semáforos, enquanto ele se fingia de cego e parálítico, sentado numa cadeira de rodas que pertencia à sua falecida sogra. Sem Tininha, era um elemento a menos e um dos principais, já que as pessoas rapidamente simpatizavam com ela. — Ela é melhor me fugir só! Já lhe disse que essa vida de fugir de casa para ir à escola não vai lhe levar longe. Assanhada!

Tininha voltou no final da manhã e o pai esperou por ela para lhe dar uma lição. — Vamos comer os teus livros por acaso? — gritou furioso assim que a viu. Puxou-a pelo cabelo, desfez-lhe o penteado e rasgou-lhe o vestido. Para piorar, arrastou o corpo da filha pela lama que havia no quintal, para que ficasse suja, como a profissão exigia. *Quem iria dar esmolas numa criança bem penteada e limpa?* Pensou.

— Lhe deixa em paz, mã Lola. — gritou Pai Loy

— Qual lhe deixa em paz? Achas que não sei das tuas bandidagens? Estás a lhe defender, porquê?

— Txe! Quais bandidagens? — refutou Pai Loy.

— Todo o mundo aqui sabe que andas nessa vida dos grupos, Pai Loy! Viraste gatuno. — refilou Ducha.

— Txe, Ducha, tás a pensar num vó te bater?! E você que anda a levar a Bebucha nessa vida da prostituição? Achas que não vos vejo no beco à noite? Malandras. Muito vício no dinheiro.

Bebucha nada disse, apenas pegou nos irmãos mais novos e ficou escondida no quarto até tudo terminar. Ela era a mais calma e assim como a maioria desistiu dos estudos, mas tinha o sonho de ser cozinheira, só não contava a alguém para não virar uma piada. Contentava-se em vender os bolinhos que a mãe lhe ensinou a fazer. Instantes depois, uma gritaria se iniciou. O pai passou a gritar, os irmãos também e Tininha apenas fechou os olhos, à espera que a mãe lhe dissesse o que fazer. Nesse dia, pediu esmolas e realizou o desejo do mã Lola, de ter mais uns trocados para as bebidas quentes da noite. Quando regressavam, o pai decidiu que estava na hora de Tininha ir às passeatas nocturnas com Ducha e Bebucha. As filhas de 14 e 13 anos já não se assustavam com o cenário, mas para Tininha seria novidade.

— Tenho medo, Bebucha. — desabafou Tininha no meio da escuridão.

— Não fica com medo. Faz só o que esses tios querem e depois te acostumas. Eles nos dão dinheiro. Vais poder comprar todos os livros que quiseres e dar aquela ceia de Natal que tanto sonhas! — Tininha sorriu, mas, assim que avistou a mãe ao longe com lágrimas nos olhos, soube que algo não estava bem. Elas

foram ao beco habitual e ficaram as três à espera dos clientes. E, por mais incrível que pudesse parecer, naquela noite, todos só queriam Tininha. Mãe Lola chegou a leiloar a filha pelo preço mais alto. Um velho, cheio de rugas, aproximou-se dela e acariciou-lhe as bochechas. “*Menina linda*”. Sussurrou no seu ouvido. Ela ficou apavorada com a cena. Começou a gritar e a chamar pela mãe.

— Txe! É o quê aí? — gritou Pai Loy enervado. Ele tinha apenas 16 anos, mas já amedrontava a população. O pai tentou resmungar, mas aconteceu tudo muito rápido. Ele pegou a irmã pelo braço e, quando deram por si, estavam a caminhar pela cidade. Nesse dia, por um milagre, ouviu a mãe chamar por ele e a guiá-lo até àquele lugar. Teve logo a certeza de que precisava de salvar a irmã.

— Onde vamos, Pai Loy?

— Eu... não sei. Mas tu serás livre, Tininha. Eu sei que um dia vais conseguir realizar o teu sonho de nos sentarmos numa mesa para a ceia de Natal com uma árvore tão grande como do tamanho do mundo toodo! — respondeu a gesticular as mãos para o alto e com lágrimas nos olhos. Ela, ao contrário, sorriu. Esqueceu o pavor de há instantes e contou ao irmão detalhes de como seria a grande ceia e quais seriam os enfeites da árvore. Depois de muito caminharem, chegaram a uma casa e ele tocou a campainha. No início, a pessoa no interior da casa teve medo de abrir, mas, quando ouviu a voz da sua aluna, não hesitou. A professora Rita correu para abrir a porta. “*Talvez essa seja a única coisa boa que farei na vida*”. Pensou o irmão. O pai não se dignou a procurar a filha e os anos se passaram. Tininha passou a ser chamada de Cristiana, nome do registo, mudou de escola e,

apesar das probabilidades, formou-se com distinção e tornou-se uma juíza que passou a lutar pelos direitos das crianças. Mudou o rumo da sua história. A sua trajectória de vida servia de exemplo aos alunos de sua mãe adoptiva, quando os quisesse motivar. Cristiana era alguém que cresceu num lar em que o errado era o certo e o certo era o esquisito, o fora do padrão e mesmo assim venceu as probabilidades. Porém, depois de ter deixado a sua família biológica, parou de ver a sua melhor amiga, a sua mãe, e não sabia que rumos tinham tomado os irmãos. Sentia que existia um vazio. Precisava de um milagre! — Tens certeza, Cristiana? Queres procurar essa família para quê? Depois de tantos anos! Vem passar o Natal comigo e com os teus irmãos. Sabe-se lá o que podem fazer contigo aí sozinha.

— Eu preciso do meu milagre, mamã Rita. Por favor! — A professora Rita não quis aceitar, mas sabia que a filha precisava disso para seguir em frente. Precisava de recuperar a sua capacidade de sempre ver o lado positivo da vida. Algo que foi perdendo com os anos. Cristiana voltou à casa onde viveu na infância e apenas encontrou um terreno vazio. Para a sua surpresa, a vizinha fofoqueira, Lila, ainda vivia no bairro e, sem a reconhecer, revelou o paradeiro de Duchá. Estava casada e tinha quatro filhos. Não que tivesse largado a vida que levava, desconfiava-se que nenhum dos filhos fosse do marido, que eram uma cópia inegável do pai, bêbado e malandro.

— *Tininhaaaaa!* — Duchá gritou quando se reencontraram.

Duchá chorou de emoção, apresentou os filhos à irmã e confessou estar arrependida por lhe ter levado também àquele beco. Ela era criança e não sabia o que estava a fazer da vida. Bebucha, infelizmente, não teve a mesma sorte, no fundo acreditava que

os seus sonhos e os da irmã pudessem se realizar, mas a vida que levava levou-a ao pior, quando contraiu uma DST e acabou por falecer. Lara e Cláudia de tanto pedirem esmolas na rua foram levadas por madres e cresceram num orfanato, juntas. Graciano, o bebé, teve uma vida breve, não aguentou por muitos anos, não apanhava as vacinas e acabou por contrair o vírus da poliomielite. Cristiana entristeceu-se com as novidades, mas não desistiu de realizar o seu sonho de reunir a família para a ceia de Natal. Foi atrás do pai que, pelos relatos, vivia ao lado de uma lixeira há alguns anos. Convidou Ducha e filhos, fez questão de encontrar Lara e Cláudia, que ainda ajudavam o orfanato onde cresceram, e também Pai Loy que tinha acabado de sair da cadeia por mais um crime de roubo. No quintal da sua casa, Cristiana preparou uma ceia tão recheada como aquela dos meninos ricos, com uma árvore tão grande como do tamanho do mundo toodo. A mesa estava posta para todos os membros da família, inclusive para os que tinham partido e, naquela noite de Natal, um milagre aconteceu. A mãe, Bebucha e Graciano também estavam sentados à mesa e todos foram capazes de os ver uma última vez!

*12/2023*

## **TAYTA LEMOS**

Joaquim Santana de Jesus Lemos é natural da província de Luan-da e residente na província da Huila, cidade do Lubango, onde trabalha em Marketing e exerce profissionalmente a função de Gerente de Marketing na área de Planificação Estratégica e Eventos. É especialista em negociação e vendas, criação e gestão de marcas, Marketing Digital e Gestão de Eventos.

Desde 2018 que tem se dedicado mais à literatura cristã, através do estudo do evangelho, pois a sua paixão pela leitura desde a tenra idade deu-lhe valências na escrita e muito cedo começou a ler poesias de muitos autores.

Influenciado por Lucas Cassule e outras pessoas que segue nas redes sociais, começou a dar mais atenção aos seus escritos. Publicou, em 2022, o seu primeiro livro com o título *Kiwaba – a busca pela paz interior*.

## **NATAL NO KALUMBIRO - BACALHAU VS PEIXE SECO**

*TAYTA LEMOS*

— Mamã!! Mamã!

Essa é a nossa caçula Zinha a gritar, assim já tinha uma notícia da escola para a mamã.

— Eké intão!! — respondeu a minha mãe.

— A professora mandou levar bolo na escola para a festa amanhã.

Pronto, assim mesmo já começámos a provocar a mãe, hoje, não haverá tréguas para alguém, a mamã, desde manhã, está a aguardar o papá, que virá com o dinheiro para ela ir às compras no Mutundo.

— Ene, bolo? Aka! Vó encontrar aonde bolo, ela num pode fazere na casa dela??

A mamã já estava estressada com o papá e a Zinha veio mais com essa notícia de Bolo.

— É a festa de NATAL na escola, já falei na mamã! — respondeu a Zinha.

— A Zinha falou sim na mamã, como não temos tempo para fazer, vamos na loja e compramos um bolo qualquer! — comentou Madalena.

— Atchiíííí, hoje memu? Se aqui em casa um kabolinho num chega, ene, essa professora queri levari na casa dela, vocês já num estão di férias? Icázari! Ó Madalena, assim memu, aqui em casa, o tó pai nunca lá vimu mais o talu Cabaz.

— É verdade, mãe! — respondi prontamente — Tens mesmo razão, em dizer que o pai nunca mais trouxe o famoso Cabaz, mas também a crise não está a facilitar.

— Midexa mazé falar, Ngasparito! O talu salário toda hora nunca caiu, apruke num tem sistema, nuceke nuceke, hoje memu, vi lá um tropa a comprar magoga, é pruke o talu salário já caiu, pruke aqueles aí, quando num têm dinheiro, compram memu só ginguba, todos tão a falar de Natalieeeeeeeee! Aqui em casa nada, o vosso pai nem já uma Kabuenha trouxe, agora, tazaí apruke vamu no viokoko comprar bolo, cala mazé essa boca!

Ninguém conseguia parar o sermão de lamentações da mamã e o mais grave é que ela tinha mesmo razão.

— A mamã tá chateada, então, porquê? A Zinha quer apenas participar na festa da escola. — Era Madalena com um tom triste e com a cabeça cabisbaixa.

— Me fala ainda, ó Madalena, aqui memu em casa, no ano passado, num fizemu lá só um kabolo? Hoje memu, assim, até agora compraram lá kieeeeeee???

— Hammmm! Já sei, a mamã está chateada porque o papá ainda não lhe deu o dinheiro para fazer as compras, por isso está assim irritada.

— Memu você, Gasparito, junto ku tó pai num vala pena hoje virem me chatear almoço.

A mamã, como sabia que eu e o pai somos muito amigos, qualquer opinião a respeito do pai interpretava assim, é quase sempre assim.

— Mamã, resolve ainda o problema da Zinha, ela amanhã tem festa de Natal na escola. — Gasparito, se num tenho dinheiro, vou fazer o quê?

— Mamã, naquele pano tem lá dinheiro, tira lá só um pouco. — Respondeu a Zinha, era ela a guardiã das finanças da mamã.

— Aquele dinheiro é da kaúla, amanhã, vou no Mutundo kaular palapala e rolão, vocês memu num sabem que naquele dinheiro num se mexe!

A mãe era muito rigorosa nas poupanças e no dinheiro do seu negócio, ninguém se mete, ela era melhor que um banco em guardar dinheiro, a mamã era uma benção, sempre que o pai não tivesse dinheiro e surgisse uma situação, ela mandava somente a Zinha ir a esse sagrado pano que somente elas duas sabiam qual era.

— Mamã, liga então no papá, assim mesmo está bom? Todos mesmo vão levar bolo e eu sou a única que nem nada, nadinha tem?

Zinha activou o seu modo mimosa, lágrimas começaram já a escorrer, e a mamã que já nos conhecia bem.

— EUUUUUU!!!? Liga no vosso pai! Zinha, nem valapena vi já com essa cara, num vou ligar, pede no Gasparito, esse aí tem sempre sardo.

Zinha saiu da sala triste e foi ficar no quintal, tentando pressionar a mamã a mudar de ideia, Madalena, que estava sentada na sala a assistir à televisão, também ficou triste ao ver Zinha em



desespero, olhou para a mamã que estava mesmo sentada à sua frente e, com um tom de tristeza, disse:

— A mamã é sempre assim, nunca tem saldo para ligar no papá, se fosse já na Tia Minga, era rápido.

— O vosso pai vos dá lá saldo, guardam pra quê!? Liga mesmo vocês!!!

Do lado do quintal, ouvimos a voz de Zinha, já muito alegre.

— Uoooooooooooo!!! Já não é necessário, o papá já chegou!

— Ainda bem, ao menos ficará tudo resolvido... — comentou aliviada Madalena.

Mesmo assim, ainda não convencida de que a situação ficaria resolvida, a mamã, depois de um muxoxo, ainda se atirou:

— Vamu ouvir a desculpa, Madalena, desliga ainda essa televisão, já tá mirritá!

Levantei-me com expressão convincente de que a presença do papá era sempre para resolução de qualquer conflito em casa e, de boca cheia, olhei para a mamã e disse-lhe: — Mamã, calma, o papá já vai resolver, estás só a gastar estresse à toa, vai apanhar trombose então, há!

Mal acabei de dar o meu *show*, prontamente a mamã me respondeu:

— Trombose, trombose, achas memu eu nganguela de primeira apanhar trombose? Isso é para vocês.

Nesse instante, o pai entrou calmamente e sentou-se no seu sofá preferido.

— Assim estão todos reunidos aqui, o que se passa? — Perguntou o pai, ao ver-nos todos em pé parados a olhar-nos um para o outro, a ver quem tomava a iniciativa da conversa. O papá coçou a cabeça, baixou-se e começou a desapertar as botas, sem pressa, tirou os atacadores, olhou pra nós, um por um, e, vendo o nosso silêncio, respirou fundo e teve que começar a conversa.

— Bem, já que estão todos cheios de surpresas, ainda bem que estão todos aqui, esse ano o Natal será aqui em casa, vai vir a mamã grande, o avó Ngundu, a tia Bernarda e a família, o ti Firmino, nem sei se vem com a mana Engrácia ou com a Mana Justina, por isso, tenho aqui 300 mil kwanzas para fazerem as compras para a festa da família. — A tia Bernarda? É melhor não, papá, a tia Bernarda aqui em casa? Com a ta Engrácia? — indagou Madalena.

— Desculpa vos avisar assim, tive tanta coisa a fazer na unidade e esqueci de vos avisar, essa decisão já foi definida na semana passada quando passei na mamã grande, e não podia dizer não, afinal é o pai da mãe, meu sogro, tinha que aceitar. — Ove ainda Gaspar, assim memu estás a dar esses 300 mil hoje para quê? Eu num quero ninguém na minha casa, ene! Se combinaram lá, vão mesmo dar festa lá, aqui não!!! — Mas é o teu pai, os avós dos nossos filhos, o teu irmão, a tua irmã, as tuas cunhadas, qual é o problema em virem passar aqui o Natal?

— Deixa, pai, a mãe e a tia Bernarda não tão a se falar desde o óbito do ti Mingo e se o tio Firmino trazer a tia Engrácia, aí mesmo vai ser guerra grande aqui em casa. — Então, Madalena, mais um motivo para se reconciliarem, as famílias devem se unirem nessa época de Natal.

— Gaspar, me ove inda, essa mana Bernarda, o marido dela e os filhos dela, num valapena meterem os pés aqui, esses se acham já os finos da família e ainda essa tale de Engrácia?? Assim então avisei! Vou comprar as coisas para levar e as que precisamos aqui em casa, Madalena, já tá tarde, vamu no Mutundo.

— Mas, ó mamã! Eu tenho um compromisso!

— Quale compromício quale quê! Levanta mazé daí pá!!

— Mamã, e o meu bolo?

— Teu bolo? Ó Zinha, não é o seu aniversário!

— Sim, papá, amanhã, vão dar uma festa na minha escola e a professora pediu para levar um bolo, já falei com a mamã.

— Isso não é problema, filha, ó Bibiana, aproveitem passar no supermercado e compram um bolo, ouviram!!!?

— Papá, a mamã já saiu e nem te ouviu...

— Não faz mal, filha, o Gasparito vai te levar ao supermercado para comprar o bolo, mas, ó Gasparito, o que se passou com a mãe, a tia Bernarda e a tia Engrácia?

— Eu também nem sei. Ainda acho melhor fazermos a festa de Natal na casa do avô.

— Se a situação for assim tão grave, vou ligar na mamã grande a avisar que vamos preferir passar lá o Natal, ainda assim a Bibiana vai me explicar o que se passa com elas.

— É melhor mesmo, a mamã quando fala já “assim avisei”, já se sabe que não tem volta.

— É exactamente essa resposta que me deixou preocupado.

— Papá, o dinheiro para comprar o bolo da Zinha?

— Está bem, leva esse cartão e compram o bolo.

— Faz rápido, Zinha, vamos. Mas, papá, ainda acho que deves ligar no tio Firmino a saber se vai levar a tia Engrácia ou a tia Justina.

— Eu não me meto nessa história, para mim tanto faz se vem com uma ou com a outra, melhor é ligar no avô Ngandu a dizer que vamos fazer a festa lá no Kalumbiro.

— Aló, pai, boa tarde!

— Boa tarde, filho! Esperinda, vó chamar a mamã grande. Ó mamã, venha!

— Ene! o que se passa?

— O Ngaspara táki no terefone, falinda com ele.

— Filho, boa tarde! É kumu aí?

— Boa tarde, mãe, aqui estamos bem. É por causa da festa de Natal, é que estarei de serviço e vamos levar as coisas aí na mãe e fazemos a festa em casa.

— Tá bem, filho, num tem problema, e já compraram tudo?

— A Bibiana foi no Mutundo comprar as coisas

— Tá bem, vou ligare na Bernarda e no Firmino, num esquece a prenda.

— Sim, mãe, não me vou esquecer.

— Tá bem, chau e até logo.

Já tinham passado três horas desde que a mãe tinha chegado do Mutundo, o tempo passava e o pai estava preocupado com o atraso, mas, felizmente, a mãe teve ajuda das vizinhas e tudo ficou preparado para a alegria do pai.

— Bibiana! Aqui tem apenas um cabrito! — Exclamou o pai ao ver a carne na bacia.

— Oko! E um cabrito num chega?

— A família toda estará lá na mamã grande, achas que vai chegar? Bibiana, tens de levar mais um cabrito! — Insistiu o pai, preocupado com o único cabrito na bacia.

— Já tem lá seis ngalinhas, nduas pernas de nboi e queres mais ndois cabritos?

— Mamã, faz só o que o papá está a pedir, a mamã sabe que o tio Firmino é agarrado e a tia Bernarda então... duvido se ela vai levar carne. — Reforçou a minha irmã Madalena.

— Antão nós já é kitemu ki les dar comida, né? — Questionou a mãe.

— Nada disse, Bibiana!! Embora que já não será aqui em casa, por causa da tua implicância, nós ainda somos os anfitriões da festa. — Respondeu o pai com o seu jeito pacífico.

— Quale lá fafitriões, kifique! Essa toda carne que eu memu temperei com as manas, aquelas lá é que vão comeri!... — A mãe continuava a resmungar a sugestão do pai.

— Bibiana, estás a falar da mamã grande e o papá Ngandu ou somente da tia Bernarda? O pai, já intrigado com a implicância da mãe, serviu-se da sua voz activa.

— A mamã assim está a falar da tia Bernarda, vamos só já pai... — propôs Madalena.

— Prontos, Ngasparito, vai só já mbuscare o talu cabrito e vamú. — A mãe ordenou-me, finalmente.

A tensão acalmou-se, fui buscar o cabrito, e assim fomos à casa dos avós onde se esperava uma noite de Natal de festa e alegria, conforme havíamos combinado, o pai iria sair por uns instantes, fingindo que estava a ir à unidade, e voltaria mais tarde, porque a mãe não queria que a festa se passasse em nossa casa. Assim que chegámos, eu como neto mais velho assumi a responsabilidade de arrumar tudo, enquanto a mamã começava a preparar os cabritos para o forno e outros para o grelhador, a minha tia Justina preparava o tão esperado lombi de abóbora. Depois, começámos a ouvir a buzina do carro, era a tia Bernarda que acabava de chegar.

— Boa tarde, família! Venham tirar as coisas do carro!

— Boa tarde, tia Bernarda.

— Mamã, a tia Bernarda já chegou e pediu para irmos tirar as coisas do carro.

— Xéééééé quale lá venham viococo! Esses filhos dela num podem tirar? Fica mazé aqui, pá, eles são de ouro?

— Mamã, só vamos ajudar.

— Ó Bibiana, não começa, deixa os miúdos ajudarem a tia. — Aconselhou o papá Ngandu.

— Os meus filhos num são serventes de ninguém e num vão sair daqui, já disse!

Minha mãe não iria parar com aquela implicância, então decidi eu mesmo ir ajudar a descarregar as coisas da tia Bernarda, mas também não eram coisas muito pesadas, eram mesmo só aqueles mimos de Natal, que encantam qualquer criança,

imbuída no espírito Natalino, a minha avó, a mamã grande, quando viu as coisas, ficou ainda mais revoltada.

— Mas, ó Ngasparito, ene! Comida memu é isso?

— Isso são mimos de Natal, avó. — Respondeu a Marieth, filha mais velha da tia Bernarda.

— Eu num vou comer! Essa Bernarda quer me matari! — Gritou a mamã grande.

— Ninguém quer te matar, mamã, vocês é que não estão habituados. Marieth, pode levar o bacalhau de volta no carro...

— Essa foi a resposta que iria provocar a 3.<sup>a</sup> Guerra Mundial, o tio Firmino, que estava a apreciar o seu mahungo com o papá Ngandu, saltou da cadeira.

— Ove! Sua burra de merda, ninguém te pediu lá essas merdas, e vir aqui dizer que num tamu habituados, você sempre cumeste kabuenha do Namibe no Natal, hoje já só porque estás na centralidade, nós é que comemos male!?

— Firmino, me respeita, me respeita! Estás a me chamar de burrrrrra, seu kunanga de merda! Achas que esse lombi com peixe que a tua mulher matumba fez é comida de Natal?

— Num põe a Justina na conversa, sua mal-agradecida, quando o teu marido tava male no hospital, é essa mulher matumba que vos fazia lá comida, ouviste!!!

— Mas, ouve lá, Bernarda, tás aqui com bwé de boca, ainda me explica só, tás a mandar a sua filha levar essas porcarias no carro, quale carro? Tá onde o teu marido? Sua amante sem juízo, ele veio só mesmo vos atirar aqui e foi na família dele. Ficas aqui apruke nucekenuceke, cala mazé a merda da tua boca!

Assim mesmo que a minha mãe entrou na guerra, a mamã grande teve de intervir antes que a casa explodisse com os gritos.

— Parem, parem mesmo, se não vão sair todos da minha casa!

— Sakalma, sakalma, mamã grande! — gritou papá Ngandu.

— Quale lá sakalma, essa burra da Bernarda fica aqui a xingar as pessoas, prucaso nós comemu isso? Prucaso nós te pedimo lá essas coisas? Num valapena vir tirar fiança da tua filha! O tó marido assim foi, nem se despediu lá!

Enquanto o papá Ngandu tentava acalmar a mamã grande, de repente, ouvimos outros gritos no quintal.

— Sai fora, sô mocão de merda, disseste que estavas a ire no Quipungo buscar milho, afinal vieste passar o Natal com essa aí! — Era a tia Ngaxi, segunda mulher do ti Firmino, que tinha acabado de chegar, a suar e cheia de lama.

— Mana Engrácia, fica calma, estamos em festa de Natal, não faz isso!

— Num faziço a merda! A vossa cunhada querida taí numa boa a beber e eu e os mós filhos tamu lá em casa a sofrer sem nada, esse vosso irmão é um cão de merda, heimnmm! Mi fala ki tá ir caula milho, ki a mamã grande li mandou, afinal foi lá buscar essa besta de merda para festa.

— Cala mazé essa boca, pá, antes que num te mando uma galheta, quem te mandou vir aqui? Quem te falou que tem alguém aqui comigo, ham? É melhor voltar já em casa.

— Num adianta, a mana Bernarda mi ligou agora memu e disse que ela tá aqui, ta sifinji pra quê??

— Mba, alaporras! Bernarda, sua fofqueira de merda, tás a se esconder aí! Olha agora o que que provocaste!

Agora é que a situação vai piorar, a minha mãe quando abre a boca é pior que um dragão! Ela correu até à sala e segurou na árvore de Natal que acabámos de montar. A tia Bernarda, assim que viu a mamã a vir em sua direcção, correu para a cozinha.

— Anda cá, sua fofqueira, hoje, vou te dar uma surra!

Assim que a tia Justina viu a minha mãe atrás da tia Bernarda, invés de ficar quieta na cozinha, decidiu sair, a tia Ngaxi viu-a, outra maka mais!

— Tás aí memu, sua assanhada!? Gritou a tia Ngaxi assim que a viu e soltou-se das mãos do ti Firmino, correu atrás da tia Justina. E, para se defender da fúria da tia Ngaxi, a tia Justina pegou no bacalhau.

— Encosta, sua matumba de merda! — Tia Justina ameaçou.

Tia Ngaxi não se deixou intimidar pelo bacalhau na mão da tia Justina, pegou também no peixe seco que estava na mesa da cozinha, nem sei se era tacu-tacu, corvina ou sei lá o quê, só sei que era um peixe bem grande, eu estava muito afastado da confusão.

— O bacalhau nãããããã! Esse bacalhau é caro! — Gritou a tia Bernarda, que também estava em apuros com a mãe. Depois, ela pegou numa bola brilhante de Natal e atirou à mãe, que a esquivou, a seguir, assustei-me ao sentir uma dor e um apagão.

Eram 23:45, quando abri os olhos: estava cercado de seis pessoas, todas vestidas de branco e com máscaras no rosto. Será que morri, pensei, hammm, esses são médicos e enfermeiras! E percebi que estava no hospital central, com a cabeça cheia de ligaduras, uns tubos no nariz, soro no braço esquerdo e, no braço direito, bué de fios que estavam ligados a uma máquina que fazia barulho.

*12/2023*

## **VICTOR RICARDO**

Victor Francisco Ricardo nasceu aos 28 de Janeiro de 1989, na Maternidade Augusto Ngangula, em Luanda. Morador do Distrito do Neves Bendinha, Município de Luanda, Província de Luanda.

Formado em Contabilidade e Auditoria – Universidade Agostinho Neto.

Estudante do Curso de Gestão Bancaria e Seguros – ISAF (3.ºano).

- Começou a escrever em 2006 (poemas)

- Em 2014, começou a envolver-se mais com a escrita e a dedicar-lhe mais tempo, sempre escrevendo poemas e algumas reflexões.

### **Livros:**

Miradouro da Lua; Cartas a Ana Cármen; Nzaji – Sonhos Mutilados; Avessos de um Natal; Colectânea de poesia lusófona – MUNDOS, livro 22

### **Reconhecimento:**

Certificado de Mérito da Fundação Arte e Cultura, num recital em que o livro “Miradouro da Lua” foi homenageado, isto aos 29 de Janeiro de 2020.



## ***O NATAL EM NÓS!***

*VICTOR RICARDO*

As luzes brincavam no céu e os kotas bebiam sem se importar com o dia seguinte. Lá fora, os sorrisos pareciam ter corpo e alma. Estavam em todos os lugares, os bolsos ignoravam a escassez que um dia tiveram e os apoios vinham sucessivas vezes.

“Vamos, o Natal é um acto solidário!”, gritava uma ou outra pessoa.

Apesar das diferenças, do facto de nem todos poderem ter tudo o que desejassem à mesa nesse dia, o Natal seguia da mesma forma: com o mesmo espírito.

Alberto, com os seus calções habituais e uma camisola amarela de mangas cortadas, exibia um sorriso inocente, vagueava pelo bairro sem medo das horas, maravilhado com o brilho das ruas. Eram árvores de Natal improvisadas, desenhos em toda a parte e vários grupos de pessoas andando de um lado a outro.

Alberto sabia que o Natal era um período único e que as crianças, nesse dia, tinham a vida mais facilitada. O pai Natal era o vizinho que às vezes estendia as mãos para ajudar o próximo em troca de nada.

O ambiente ganhava um aroma diferente, fruto dos bolos e grelhados que faziam furor. No rádio, uma canção infantil, um semba ou outra música qualquer e assim alternava-se a cadência – Feliz Natal! Entre beijos e abraços, as pessoas saudavam-se.

Alberto tentava encontrar os seus amigos. Por toda a parte procurava-os.

Enquanto isso...

Isidro olhava para a mãe que preparava as iguarias. Queria ver os bolos que daí saíam. Dona Albertina, a mãe, tinha as mãos cheias e fazia vários doces deliciosos. Os rapazes do bairro tinham grandes motivos para frequentar o quintal de Dona Albertina pelo facto de ter sempre bolos, fruto também do negócio que fazia.

Isidro gostava muito de Marta, uma menina que vivia na casa ao lado, só que tinha a concorrência de Filipe. Entre brigas e risadas, os três mantinham uma bela amizade.

De repente, Isidro ouviu um assobio...

Era Filipe, que rapidamente passou para deixar algumas informações relativas a um plano secreto – Mas o quê que esses meninos estão a tramar!?!- questionou-se Dona Albertina que percebeu rapidamente a mudança de ânimo do seu filho. De forma natural, Isidro voltou a sentar-se exercendo uma pressão enorme sobre a mãe que sabia que o seu filho estava faminto e com pressa.

Enquanto isso, Alberto continuava a caminhar pela rua, sem poder ver os amigos, apesar de ter alguma esperança de que esse Natal seria diferente. Alberto caminhava para não ser consumido pelos pensamentos e pela dor de não poder degustar de algumas coisas que muito amava por conta da falta que havia em sua casa nesse Natal – Acho que vou dormir. Atirou ao ar.

Ao voltar para casa, notou que a mãe já dormia. Os seus irmãos também. Inconformado, puxou uma cadeira e, no meio do quintal, olhando para o céu estrelado, começou a pensar em várias coisas. Nos seus amigos e nas várias brincadeiras partilhadas. Sabia que, como ocorrera no ano passado, os seus amigos iriam viajar ou passar a Quadra Festiva com os seus familiares – “esse ano, os meus pais e eu iremos a Portugal”. Ecoavam as palavras de Filipe, ditas há duas semanas. Passar mais um Natal sem uma boa brincadeira em nada lhe agradava.

Enquanto repousava, com os olhos já cansados, Alberto ouviu alguém a forçar a porta do quintal, com medo, escondeu-se e ficou a apreciar tudo de longe. Eram os seus amigos, Filipe, Marta e Isidro. Cada um com uma mochila nas costas. Sentaram-se num canto da casa e começaram a retirar várias coisas das mochilas.

Marta trouxe uma toalha branca, que estendeu sobre o chão. Na verdade, havia um canto no quintal de Alberto que era muito vasto e onde eles gostavam de ficar. Ao olhar tudo aquilo, Alberto começou a ficar com os olhos molhados e lentamente começou a aproximar-se. Os meninos não sabiam que estavam a ser vistos. Continuavam os preparativos e algumas vezes diziam:

— Xii! Pouco barulho, ele pode ouvir.

Rapidamente terminaram com os preparativos. Isidro teve de deixar que a mãe se distraísse e, como já havia pedido um bolo para oferecer a um amigo, correu rapidamente para ter com Filipe que, como já se tinha despachado, pegou as suas coisas

e juntos foram então à casa de Marta para poderem colocar o plano em acção.

Eles perceberam as dificuldades que o amigo enfrentava e, solidarizando-se com ele, pediram coisas aos seus pais e a outros mais velhos para poderem estar com o amigo e proporcionar-lhe um Natal agradável.

Filipe, vestido de pai Natal, atirou:

— Agora, vamos nos esconder e gritar bem alto Feliz Natal quando ele aparecer...

— Não será necessário, olhem quem vem aí! — Alertou Marta.

Alberto ainda vinha lentamente, apesar já ter sido visto pelos amigos. Não se conseguiu conter ao notar o sorriso no rosto de seus amigos que correram rapidamente para o abraçar.

Os amigos disseram-lhe já haviam planeado isso há muito tempo e que lhe disseram que iam viajar para que ele não desconfiasse e, enquanto ele percorria o bairro nessa noite, Filipe seguia-o e tão logo viu que ele se encaminhava para casa foi ter com Isidro para poderem começar a executar o plano.

— Sinceramente, não sei o que dizer. Eu já pensava em dormir e, quando vos vi a entrar, fiquei surpreso. Tentava entender o que se passava e independentemente de estar num canto a observar tudo, jamais imaginei que vocês fariam isso por mim! Muito Obrigado. — Disse Alberto.

— Não tem de quê, tu mereces.

Do outro lado da rua, a madrugada dançava o seu Carnaval habitual, as nuvens cobriam as estrelas e a realidade do Natal era partilhada por aqueles rapazes ainda na flor da idade.

Passados alguns segundos, aproveitando que todos estavam calados, Filipe atirou:

*O verdadeiro Pai Natal somos nós e o espírito natalício está dentro de nós. Portanto, quanto maior for o número de pessoas que fizermos felizes neste dia, mais felizes nos tornamos.*

Ouvindo aquilo, os meninos olharam-se e gritaram, brindando: *Feliz Natal, Mundo!*

## **ZOLA MIGUEL**

É Formador, Consultor e Mentor de Negócios, com uma vasta experiência a nível de micro e pequenos negócios. É escritor com obras publicadas e disponíveis em todo o mercado nacional (O Mapa Sagrado do Empreendedor Milionário; Como Fazer O Seu Negócio Prosperar em Século XXI e Lágrimas).

Apaixonado pelo mundo das Finanças Pessoais, Finanças Empresariais, Negócios e Empreendedorismo.

## **O INGRATO NATAL**

ZOLA MIGUEL

23 de Dezembro de 2022

Sentadas nos bancos metálicos logo na saída da sala de desembarque do Aeroporto Internacional de Luanda, Albertina e suas duas filhas aguardavam ansiosamente pelo avião, que estava atrasado quase uma hora, típico dessa companhia aérea.

Após dez minutos, perceberam que o *Boeing 777*, que vinha das terras de Camões, havia aterrado. Levantaram-se e, impacientes, passaram a andar de um lado para outro, parecia que o tempo passava a passos lerdos. Alguns minutos depois, esbanjando um largo sorriso, viram Jorbertino a atravessar a porta de desembarque, empurrando uma carrinha contendo enormes malas. As três aproximaram-se rapidamente dele e, em seguida, trocaram beijos e abraços intensos e calorosos.

Há mais de três anos que Jorbertino não voltava para casa desde que fora para Portugal. No entanto, nesse período da Quadra Festiva, a família pediu-lhe que voltasse para festejarem juntos.

— Estás mais alto e gordo, olha as bochechas. — salientou Albertina, pegando no rosto dele. — O que tens comido, filho?

— Não exagera, mãe. Estou bem.

— Verdade! Não é, Marlene? Olha aqui o teu irmão.

— Eu também acho. E até ficou clarinho.

— Marlene, pára com isso! Olha, vamos que estou exausto.

Aos vinte e dois anos, Jorbertino retornou transformado, como um homem maduro, alto e possante, semelhante ao seu pai. Jorbertino era o primogénito e tinha duas irmãs, Marlene de dezoito anos e Raquel de quinze. Sua mãe trabalhava no SIAC e seu pai, Jorge, aposentado, andava de cadeira de rodas há um ano, depois de ter sofrido um acidente de viação que lhe causou trauma na coluna e o deixou paraplégico. Os médicos advertiram que as hipóteses de ele recuperar a capacidade motora eram remotas, mas a família mantinha a fé e a esperança.

A família, entusiasmada com o retorno da ovelha negra, deixou o aeroporto a bordo do *Kia Soul* vermelho e vidros fumados, carro da família, em direcção a residência, na Centralidade do Kilamba.

Com a cidade crispada, em virtude dos preparativos para a Quadra Festiva, a família levou quase duas horas para chegar a casa. Quando deu dois passos para dentro de casa, Jorbertino parou, olhou em volta e percebeu que as cores alegres e vivas predominavam o ambiente, em um dos cantos da sala, havia uma enorme árvore artificial de Natal, ornamentada com diversas bolas, vermelhas, prateadas e outros adornos. Além disso, havia um jogo de luz policromático que enroscava toda a árvore, como uma cobra, deixando-a viva. Seguiu ele com mais passos e, ao ver o pai sentado, aproximou-se dele, agachou-se e, sem pronunciar palavra alguma, deu-lhe um abraço afectuoso e sereno. Naquele momento, lágrimas precipitaram-se dos seus grandes olhos e deslizaram nas avenidas do seu rosto. Seu pai, olhando-lhe nos olhos, entendeu as suas emoções e, com um lenço branco que puxou do bolso, secou-lhe as lágrimas.

Jorbertino, apesar do semblante animoso do pai ao vê-lo, conseguiu decifrar sentimentos de tristeza e frustração escondidos nas profundezas dos olhos do pai. Soube ele, por meio da mãe, que, no princípio da reabilitação, foi uma situação muito intricada com a qual o pai teve de lidar, o que o levou a buscar refúgio no álcool, mas não encontrara respostas. No entanto, ao longo do tempo e, principalmente, com a ajuda da família, ele foi demovido a abandonar o *copo* e os pensamentos e sentimentos suicidas. Agora, parecia aceitar a sua condição de cadeirante.

Albertina e as filhas saíram para as últimas compras do Natal, Jorbertino, que estava derreado devido à fastidiosa viagem, permaneceu com o pai. Ele contou-lhe acerca da sua vida académica, das experiências profissionais que tem adquirido e dos planos que traçava.

— Depois da Quadra Festiva, começarei a trabalhar na monografia — revelou ele, com olhos reluzindo de felicidade. — Além disso, já encetei alguns contactos profissionais aqui mesmo no país e tenho boas garantias.

— Qual será o tema da monografia?

— “Mercado de Capitais: o impacto da bolsa de valores na economia angolana”.

— Muito interessante! Fico bastante folgado com o seu sucesso académico, filho. Saiba que a família deposita grande confiança em você e que o seu sucesso será o sucesso de todos nós. Desejo que permaneça com esse foco e determinação, porquanto, após os estudos, a vida profissional ou corporativa também apresenta os seus desafios. Sendo assim, é crucial manter-se munido de competências, não apenas técnicas, mas conceptuais também, pois que te tornarão competitivo e aumentarão o seu valor no mercado.

— Eu concordo plenamente. Todas as competências que o papá mencionou já foram cuidadosamente consideradas. O futuro é auspicioso.

A seguir à breve e descontraída conversa, o regressado, deixou o pai na sala, assistindo à televisão, e foi para o quarto repousar. No quarto, com o corpo implorando por um descanso urgente e merecido, não parava de pensar em como revelar o segredo que guardava a sete chaves para sua família. Vou contar tudo depois da Quadra Festiva, pensou. Como os pais vão reagir? Será que me vão condenar ou perdoar? Ele indagava a si mesmo, porém, cansado e com mil perguntas sem respostas, acabou sendo roubado pelo sono.

24 de Dezembro de 2022

No dia seguinte, depois de ajudar a mãe com os preparativos para o jantar natalino, Jorbertino, embriagado de saudades das velhas amizades, decidiu visitar os seus melhores amigos no bairro que testemunhou o seu nascimento e crescimento. Atrás do volante do *Kia Soul*, seguiu para o local combinado, no município mais populoso de Luanda.

Assim que chegou ao local, um *bar lounge*, encontrou os dois amigos na companhia de uma torre de fino. Estes ficaram radiosos em vê-lo, depois de tanto tempo. Logo depois das habituais saudações, Jorbertino puxou a cadeira e sentou-se, contemplou como os amigos estavam transformados, aqueles semblantes juvenis, rostos imberbes do passado, não eram mais os mesmos. Agora, eram jovens matulões, cheios de barbas que nem árabes. Antes de ele partir para Portugal, a fim de frequentar os estudos,

os três contemporâneos eram muito chegados, como trigêmeos siameses, e faziam quase tudo juntos.

— Wow, parece que Portugal te cuidou muito bem! Será que foram as damas? — disse um dos amigos, num tom anedótico.

— Nada a ver, Belmo! Até fiquei um pouco distante das damas. O meu foco foi sempre os estudos, para não comprometer o meu desempenho na academia. No entanto, é claro que não é somente de bebidas e alimentos que o homem vive, tu sabes.

— Como vão os estudos, futuro gestor empresarial? — perguntou o outro amigo e, no mesmo instante, fez um sinal à empregada para trazer um copo para o recém-chegado.

— Na verdade, Milagres, inicialmente, foi difícil. No entanto, depois de muito esforço e disciplina, as coisas tornaram-se acessíveis.

— Não deverias ter já terminado?

Antes de responder, pegou o copo que a empregada havia trazido, encheu-o com o líquido dourado e fresco, e deu um trago rápido. A seguir, disse:

— Falta pouco. Vou defender o próximo ano e, posteriormente, retornarei definitivamente ao país.

Enquanto consumiam, o trio discutiu vários assuntos, convergindo em alguns deles e divergindo em outros, o que era bastante comum e saudável entre eles. De repente, como se fosse uma revelação, Belmo anunciou:

— Malta, tenho uma ideia.

Os dois amigos fitaram-no com rostos ansiosos por mais informações.

— Que tal levarmos o recém-chegado para aquele sítio? Soube que será uma noite escaldante, um evento especial.

— Que sítio? — questionou, Jorbertino, curioso.

— É um sítio novo, organizado e seguro. Vais curtir.

— Onde é que fica?

— É próximo. Fica no Zango 3.

— Não há nenhum problema. Preciso relaxar um pouco, contudo não poderei ficar muito tempo. A *velha* está preparando um jantar especial e eu preciso chegar em casa antes da meia-noite. Deixa já ligar para avisá-la que poderei chegar um pouco tarde.

Quando eram vinte horas, os três amigos, em dois carros distintos, seguiram para o famoso sítio no Zango. Percorreram o



trajecto com celeridade, de tal forma que, pouco tempo depois, chegaram ao local, que estava apinhado de pessoas. O espaço era meio rústico, com cadeiras e mesas de madeira rústica, pequenos sofás brancos e pretos, relvas artificiais adornavam as paredes e o soalho, além de uma pequena piscina azulada no centro. Luzes cintilantes de várias cores preenchiam todo o espaço, deixando-o encantador.

Após alguns contactos, o trio conseguiu ocupar uma mesa, e encheram-na com bebidas, petiscos e, claro, as companhias de luxo não faltaram. À medida que a noite ia crescendo, o nível de consumo de álcool também acompanhava o ritmo. O conjunto divertiu-se bastante, sobretudo, Jorbertino que, apesar de estar um pouco enferrujado, não dispensou as boas passadas.

Algumas horas depois, Jorbertino puxou o seu *smartphone* do bolso, mirou o visor e viu que o relógio apontava vinte e três horas, assim, como combinado, relembrou aos amigos que teria que retornar para casa para participar do jantar especial da família.

— Está bem. Nós vamos ficar mais um pouco, o ambiente está porreiro — disse Belmo — Vai bem e, assim que chegares a casa, envie-nos uma mensagem, fixe?

— Fixe! Fiquem bem, meus!

Enquanto seguia para casa, Jorbertino estudava como faria para revelar o seu segredo à família. Isso poderia ser um *choque* para os pais, pois apostaram muito nele e ele os tinha defraudado. Além disso, os alimentava com mentiras. Recordou-se de como tudo começou, quando a sua vida tomou um rumo inesperado, como uma bola de neve.

Tudo começou quando deixou várias cadeiras no segundo ano da Faculdade, depois, para agravar ainda mais, engravidou a namorada, uma cabo-verdiana. Com o nascimento do filho, viu-se forçado a suspender os estudos para trabalhar e sustentar a nova família. Ele manteve o assunto distante dos ouvidos dos pais por várias razões, contudo, finalmente, chegou o momento de revelar tudo, pensou.

25 de Dezembro 2022

Em casa de Albertina, estava tudo preparado, a mesa de seis cadeiras com o tampo de vidro preto temperado estava bem decorada e a comida servida nas cubas exalava um cheiro que

deixaria qualquer um com a boca inundada de saliva. Há meia hora que Albertina ligou para o filho, porém, este não atendia. Foram mais de uma dezena de chamadas sem respostas, a mãe pressentia que algo não batia certo, o seu instinto maternal despertara, mas preferiu não alarmar alguém, uma vez que o filho tinha dito que chegaria um pouco tarde.

A família estava na sala, à espera do *regressado*, quando o telemóvel de Albertina tocou. Às pressas, ela se debruçou sobre a mesa onde o pequeno aparelho repousava, puxou-o, mirou o visor e viu ser um número estranho. Mesmo assim, atendeu a ligação.

— Sim, estou!

— Bom dia! É a senhora Albertina?

— Bom dia! Sim, sou eu. Com quem falo, por favor?

O rosto de Albertina franziu, revelando ansiedade, visto que a voz do outro lado da linha não soava familiar. Além disso, não era habitual receber chamadas nesse horário, mas tudo era possível, afinal de contas era o Natal.

— Falas com um agente da polícia.

— Polícia!

Exclamou ela e seu coração começou a bater rápido e alto que nem um tambor. Jorge e as filhas olharam-na com um olhar curioso.

— O que aconteceu? — impaciente, indagou Jorge, aproximando-se da esposa.

Albertina não olhou para o marido, só prestou atenção na ligação telefónica.

— A senhora conhece o senhor Jorbertino... Jorbertino Tulumba?

— Sim, conheço. É meu filho. O que aconteceu, senhor agente?

— Senhora, é possível comparecer ao Hospital Geral de Luanda agora? É urgente.

Ao ouvir as palavras *hospital* e *urgente*, o corpo gordinho e baixinho de Albertina ficou tenso, imediatamente, levantou-se e, com uma voz de choro, retrucou:

— Por quê? O que aconteceu com o meu filho?

— Calma, senhora! Não chore.

Em seguida, calmamente, o polícia explicou brevemente o que havia acontecido com Jorbertino. No entanto, não entrou em detalhes sobre o estado dele. E concluiu, dizendo:

— Senhora, venha ao hospital assim que puderes.

— Mas como ele está? — insistiu ela, a voz estava trémula e os olhos cheios de água. — Posso falar com ele?

— Conforme já expliquei, senhora, outras informações vamos dizer-lhe assim que estiver aqui. Estamos a aguardar. Muito obrigado.

Sem delonga, a chamada foi terminada.

— O que se passa, Albertina? O que aconteceu com ele?

Albertina não conseguia pronunciar palavra alguma, abanava a cabeça e, com a mão direita, esfregava o peito repetidas vezes como se tentasse aliviar a dor que nascia. Parecia estar em estado de choque.

— Mamá, o que aconteceu? — insistiu Marlene, segurando a mão esquerda dela para confortá-la. A mãe parecia estar em outro planeta.

Suspirou ela lentamente e, entre solavancos de choros, olhando para o esposo, disse:

— Jorbertino... esteve envolvido num acidente...

— Acidente?!... Onde? Como está?

— Parece que está grave. Pediram-nos para ir ao hospital geral, agora.

O clima natalício em casa se transformou, num ápice, em incertezas, dor e tristeza. As filhas, ao verem a mãe derramando lágrimas, sentiram-se comovidas e começaram também a chorar, abraçaram a mãe, enquanto Jorge ligava para um dos vizinhos para os ajudar com o transporte.

Aproximadamente uma hora depois, a família Tulumba, com exceção de Marta, que permaneceu em casa, chegou ao hospital geral e foi recebida com uma notícia que a deixou em pânico. Segundo os agentes da polícia, o carro que Jorbertino conduzia, *Kia Soul*, bateu num camião estacionado na autoestrada e ficou completamente danificado, irreconhecível. Ele foi

socorrido e levado ao hospital, mas, apesar de ter chegado com vida, perdeu muito sangue e não resistiu.

Pai e mãe foram confirmar o corpo do filho e o que viram deixou-os destroçados. A cara do filho estava inchada, como um balão, desconhecível. Tinha os braços e pernas despedaçados. Ao ver o filho ou o que restava dele, Albertina caiu em desmaio e teve de ser socorrida imediatamente. Jorge não conseguiu reprimir as lágrimas, não tinha como, chorou amargamente como se fosse uma criança.

Jorge não compreendia o porquê a morte roubara a vida de um jovem cheio de energia, sonhos e muita coisa para conquistar e oferecer ao mundo. Era uma perda ingrata, uma dor excruciante, um Natal doloroso e amargo.

*12/2023*

De que vale um conto, um romance, um poema preso na sua gaveta? Publique connosco!

É Sobre Nós: seu livro, nosso legado!

geral@esobreler.ao

@esobrenoseditora\_oficial

Tel. +244 926 155 992 | +244 919 146 296

[www.esobreler.ao](http://www.esobreler.ao)

